

# OS SERÕES DE D. BENTA À LUZ DO ESPIRITISMO II

Autor: Monteiro Lobato

Médium: Maria Elyana Rímoli Ferro

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DOMINGOS RÍMOLI  
AV. AYRTON SENNA, 403 - JD. SANTA MARIA - OSASCO - SP

## NOTA DO AUTOR

Caros companheiros de ideal, é com alegria e muito respeito que chego diretamente até vocês novamente. Aqui estamos com as idéias já organizadas e escritas para mais um livro, dando seqüência ao primeiro: *Os Serões de D. Benta à Luz do Espiritismo*. Creio que já temos bastante material escrito que merece o estudo e a apreciação para futura edição ao público em geral. Nossa intenção está clara nas histórias - é a divulgação da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus para as crianças e como elas gostam: dentro do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Esta é mais uma obra destinada também a pais e evangelizadores espírita cristãos, além das queridas crianças, aliás ela desperta a criança que possuímos dentro de nós.

Espero estar sendo claro e fluente em minhas idéias, de forma que a sugestão é de que após a leitura, façam a experiência e testem a compreensão dos princípios doutrinários com as próprias crianças da casa na Evangelização Infantil, pois para mim é muito importante a avaliação das mesmas. Por isso, justamente, fiz questão de colocar os ensinamentos doutrinários através dos personagens já conhecidos, servindo assim de um estímulo do mundo da fantasia para chegar-se à realidade Espírita Cristã.

As coisas são bem simples e claras quando se trata de crianças, portanto, escrevo diretamente para atingir o alvo que sempre amei em vida: o coração e a alma infantis.

Agradeço esta oportunidade ao grupo que me acolheu, com o qual muito me afinei, principalmente ao seu trabalho de Assistência e Evangelização Infantil.

Monteiro Lobato.

10/06/04

Mensagem escrita no início da psicografia da obra

## INDICE

- 1- O NATAL NO SÍTIO
- 2- O EVANGELHO DO NATAL
- 3- A OVELHA PERDIDA
- 4- O SONHO DE PEDRINHO
- 5- LEI DE IGUALDADE
- 6- MARIA DE NAZARÉ
- 7- O VENDAVAL
- 8- MALHADINHO
- 9- ERVAS MEDICINAIS
- 10- O ANIVERSÁRIO DE NASTÁCIA
- 11- IGUALDADES E DESIGUALDADES
- 12- OS TESOUROS DA EMÍLIA
- 13- HUMILDADE
- 14- QUEM SÃO OS ESPÍRITOS
- 15- A METAMORFOSE
- 16- O RENASCER
- 17- O DESENCARNE
- 18- NINGUÉM VIRÁ AO REINO DOS CÉUS SE NÃO NASCER DE NOVO
- 19- UMA AGULHA NO PALHEIRO
- 20- A EVOLUÇÃO
- 21- AINDA A EVOLUÇÃO

## CAPÍTULO 1 - O NATAL NO SÍTIO

Seis meses passam num piscar de olhos, quando se tem muito o que fazer. Pedrinho já sonhava com antecipação pelas férias tão almeçadas no Sítio do Pica-pau Amarelo. Pelas cartas de D. Benta e Narizinho, poderia esperar que seriam até melhores que as anteriores.

Seu coraçõzinho de menino sonhador, sonhava... sonhava... D. Tonica chegava a ficar enciumada de tanta ansiedade pela volta ao sítio. Por outro lado, lá as coisas não eram diferentes. Os preparativos foram demorados como o prometido: todos estudando. Até Tia Nastácia e Barnabé andaram pegando nos livros e trocaram algumas idéias.

Aproxima-se o grande dia. O Natal está próximo e D. Tonica prometeu passar com eles desta vez. Pudera, a mãe também queria passar a data tão importante junto ao filho, já que ele fora determinado em optar pelo sítio. D. Benta fica feliz ao receber sua carta amorosa e a partir de então, os preparativos se desdobram. A velha árvore de Natal será montada.

- Barnabé! - gritou Nastácia. Por favor, vá lá no pomar e escolha um daqueles pinheiros bem bonitos beirando a cerca e traga logo, para que a gente possa arrumar a árvore de Natal.

O negro atendeu prontamente com um largo sorriso nos lábios carnudos. Põe o machado nas costas e vai feliz, antevendo a alegria da festa. D. Benta corre de um lado a outro, subindo em escadas para pegar as caixas de enfeites no alto dos armários, as guirlandas e as luzes pisca-piscas.

- Ah! - gritou Emília - as luzinhas piscando não poderão faltar!

Narizinho, Emília e Visconde caminham até o riacho para pegar argila, pois como todos os anos, modelam um belo presépio.

- Quando Pedrinho chegar, tudo deverá estar pronto e muito bonito - disse a menina do nariz arrebitado.

- Nastácia, ajude-me aqui com estas caixas! - chamou D. Benta.

- Uai, Sinhá, desse jeito não vou conseguir preparar todas as guloseimas para a ceia.

- Calma que ainda temos tempo. Vamos arrumar primeiro a decoração da casa. Depois de tudo pronto, iremos todos para a cozinha.

- Está bem, Sinhá, mas muita gente do meu lado me atrapalha. Costumo dar conta da cozinha sozinha.

O burburinho assim prossegue por alguns dias, até a chegada do Natal. No dia 24 de dezembro, até o sol parecia ter acordado mais cedo.

- Por que será que este dia é tão especial, vovó? Há uma alegria, uma serenidade pairando no ar! O mundo todo parece parar e ajoelhar-se diante de Jesus menino - refletiu Narizinho.

- Sim, minha filha, neste dia creio que a alegria de Maria de Nazaré e todo o seu amor recai sobre nós, ao lembrar o nascimento de seu amado filho.

- Puxa, nunca tinha pensado que fosse por isso - respondeu a menina.

- Vejam, vejam - gritou alegremente Emília. Um carro se aproxima! É um táxi. Só pode ser o Pedrinho e D. Tonica chegando.

É aquela euforia e correram todos à varanda para recebê-los. Pedrinho desceu na primeira porteira e vinha correndo à frente de braços abertos, jogando-se nos braços de D. Benta. Todos juntaram-se num só abraço.

D. Tonica vinha chegando e reclamou:

- E eu, tenho um lugar aí por acaso?

- É claro, minha filha! - disse D. Benta abraçando-a.

Após os cumprimentos, dirigiram-se à casa para um breve lanche. As crianças reuniram-se em torno da árvore de Natal e do presépio, colocando as notícias em dia. Tonica pegou uma sacola cheia de pacotes e foi colocando ao redor da árvore de Natal.

Emília arregalou os olhos e ficou medindo o tamanho dos pacotes. Logo fez a relação com os nomes e tamanhos, exibindo um beicinho. D. Benta que a observava perguntou:

- O que há, Emília?

- Estou vendo o que todos irão ganhar. A minha caixa é tão pequena que nem sei o que poderá haver aí dentro!

- Ora, Emília! Francamente! Isto é coisa que se faça? A começar que o aniversário hoje não é de nenhum de nós. Você já pensou em dar um presente ao aniversariante? - observou D. Benta.

- E eu lá sei quem é? A senhora mesmo disse que não é nenhum de nós, portanto...

- É Jesus, sua boba! - retrucou Pedrinho. Não sabe o que se comemora na noite de Natal, não? É o nascimento do menino Jesus.

- Ah! Não! Lá vem de novo este Jesus. Quer dizer então que terei de dar meu presentinho tão pequenininho para ele e ainda ficar sem? Ele nem está aqui!

- Está representado no Presépio! - falou Narizinho.

- É, mas não é de verdade! É apenas feito de barro - respondeu Emília chorando.

- Bem, Emília, seja como for, este aniversariante não fará questão dos nossos presentes materiais - explicou D. Tonica.

- Então, o que ele quer? - perguntou a boneca cada vez mais aflita.

- Ora, só podem ser presentes espirituais - disse Pedrinho.

- Por exemplo: que neste dia pelo menos sejamos bons, melhores que de costume! Que amemos nossos irmãos como ele nos pede no seu Evangelho de amor. Ele nos disse: "Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" - completou D. Benta.

- Jesus disse também: "Meu reino não é deste mundo" e mais: "Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus"; "Bem aventurados os mansos e pacíficos porque herdarão a Terra"; "Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus." - dissertou D. Tonica.

- Nossa! Mas não vou conseguir fazer tudo isto de uma só vez! - exclamou a boneca.

- Pudera! - disse D. Benta num grande sorriso. Isto é para irmos fazendo aos poucos. Que tal um pouco em cada Natal?

Todos bateram palmas pela sugestão e deram boas risadas.

## CAPITULO 2 - O EVANGELHO DO NATAL

D. Benta convidou Tonica e Pedrinho para tomarem um banho e se refazer da viagem, já que a noite seria longa.

Por alguns momentos todos se dispersam para os preparativos pessoais. Não demora muito e Barnabé aponta na porta da cozinha todo apurcado com sua nova camisa xadrez.

Nastácia não se contém:

- Uai! Olha só como o danadinho está bonito e cheiroso para a festa!

- Não é para menos, Nastácia. Afinal, vim para a festa de aniversário de Nosso Senhor Jesus Cristo. Creio que está na hora de se arrumar também.

- Ora, Barnabé, Nosso Senhor não se importa com essas coisas não! O que vale é ter o coração bem arrumadinho nesta hora.

- Tem razão, Nastácia, mas também, não precisa ficar assim vestida de Gata Borralheira, minha negra.

- Está bem. Dê uma olhada no forno, pois o assado ainda não está no ponto que a Sinhá gosta.

A sala e a varanda iluminadas pelas luzinhas coloridas piscando, deixavam até as corujas do lugar assustadas. Mas, que o ambiente era de alegria, ah! Isto não era de se contestar.

Nastácia termina os comes e bebes e faz os arranjos finais. D. Benta ligou a radio- vitrola antiga e no ar se ouvia entoar belas canções de Natal.

- Como a música é fabulosa! Ela nos faz voltar ao passado - disse Tonica. Sinto-me criança, a correr pelo sítio, esperando o momento de encontrar o que Papai Noel havia me deixado. É como se uma onda mágica me invadissem o coração, fazendo-me viajar no tempo e no espaço!

- Eu que o diga, minha filha! O Natal nos faz voltar às raízes, à infância, aos melhores momentos de nossas vidas. A esperança toma conta de nós e nos sentimos grandes, enormes! É como se nada pudesse nos deter. Sentimo-nos gigantes!

- E por que tudo isto, vovó? - perguntou Narizinho.

- Ora, Narizinho, se é o dia em que o tal Jesus todo poderoso é reverenciado, creio que ele deve derramar um tanto do seu poder dentro de nós, não é? - arriscou Emília.

- Este é um dos raros momentos em que concordo com você, Emília - disse Pedrinho. Chego a ficar arrepiado com tanta sabedoria de repente.

- Bem, Pedrinho, parece que o Espírito do Natal começa realmente a tomar conta de nós. Só assim para vocês darem uma trégua nas discussões - comentou D. Benta.

Visconde, meio sem jeito quer participar da conversa:

- Mas, que hora vamos começar a tão almejada homenagem ao sublime aniversariante?

- Podemos iniciar logo. Vamos fazer uma prece, abrir um pequeno trecho do Evangelho e comentar. Na passagem do Natal, nada como se refletir um pouco sobre as palavras do aniversariante.

Narizinho corre para pegar o Evangelho e entrega-o a D. Benta, que faz sentida prece de abertura.

- Nosso querido Mestre Jesus! Aqui estamos reunidos em seu nome, com a intenção de reverenciá-lo por mais este Natal. Há 2000 anos, Mestre, estivestes aqui em nosso meio trazendo a luz, a paz e o amor.

Pedimos humildemente que continue a olhar por nós, colocando sua doce mão sobre nossos destinos. Já tinhas dito que seu jugo era brando e leve o seu fardo. Abrandai nossos corações limitados para que nos deixemos ser levados pela sua mão de amor e misericórdia.

Perdoai nossas imperfeições. Intercedei por nós junto ao Pai Amoroso! E aqui neste momento de conagração espiritual, entregamos o coração a ti, Senhor, Mestre dos mestres.

Esteja conosco nesta noite! Que assim seja.

Uma calma cada vez mais envolvente recai sobre o ambiente. Pedrinho abre o Evangelho ao acaso e lê:

1. Bem aventurados os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia.

(Mateus, V:7)

2. Se perdoares aos homens as ofensas que vos fazem, também vosso Pai Celestial vos perdoará os vossos pecados. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará os vossos pecados. (Mateus, VI:14-15)

3. Se teu irmão pecar contra ti, vai e corrige-o entre ti e ele somente; se te ouvir, ganhado terás a teu irmão. Então, chegando-se Pedro a ele, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar o meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes. (Mateus, XVIII:15,21,22) Também, a pedido das crianças, D. Benta lê a interpretação de Kardec.

Terminada a leitura, começam os comentários.

- Gostei das palavras de Jesus e de Kardec, vovó - disse Narizinho. É impressionante como ele tem o dom de clarear as palavras e trocar em miúdos os pensamentos de Jesus.

- É, minha filha, esta foi a grande tarefa do nosso querido codificador. No Evangelho Segundo o Espiritismo, vamos encontrar de forma bem didática: em primeiro lugar são colocados os trechos do Evangelho de Jesus extraídos da Bíblia. Depois são agrupados por assunto. Kardec fez suas reflexões baseadas nos princípios da Doutrina Espírita e, logo em seguida, temos as explicações dos espíritos, que são mensagens variadas sobre o mesmo assunto. Neste capítulo em particular nós temos: O perdão das ofensas, pelo espírito de Simeão e apóstolo Paulo falando sobre o perdão, A indulgência, pelo espírito de José e o Bispo João, São Luís.

- Este trecho é apenas uma das Bem Aventuranças - complementou D. Tonica.

- E o que é isso, mamãe?

- Veja, meu filho, Jesus se referia no famoso Sermão da Montanha, a vários tipos de criaturas: os misericordiosos, os aflitos, os mansos e pacíficos, os pobres de espírito. Na sua fala ele disse: "Bem aventurados os mansos e pacíficos, pois herdarão a Terra; Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus", e assim por diante.

- Mas, e a história dos misericordiosos? Quem são eles afinal? - perguntou Emília.

- Ora, Emília, são todos aqueles que tem misericórdia para com o próximo - explicou Visconde.

- E isto é justo o que você não tem. Por falar nisso, ainda tem seus besouros prisioneiros nas caixinhas? Já é hora de praticar um pouco de misericórdia com os coitadinhos! - exclamou Pedrinho.

- E o que é misericórdia afinal de contas? - perguntou a boneca já exaltada. Não posso aplicar sem saber o que é.

- Ora, é ter pena, compaixão das pessoas, Emília - falou Narizinho.

- Bem, então, isto não é comigo mesmo. Isto é coisa para gente fraca. Eu sou a Emília, a Marquesa de Rabicó. Quem quiser que se firme e se proteja por si mesmo. Alguém foi salvar Jesus da cruz por acaso? Alguém teve pena dele?

- Não seja tão dura, Emília - disse D. Benta, pondo panos quentes na conversa. De fato, cada um é responsável por si, mas nesta fala, Jesus quis despertar em nós o amor ao próximo, a solidariedade e o espírito de fraternidade.

- Bem, lá vem o próximo de novo! - resmungou a boneca.

- Se formos misericordiosos, estaremos atraindo a misericórdia do Pai e dos outros para nós. Aí está a lei de atração. Atraímos o que merecemos. Damos amor e recebemos amor. Compreendemos e somos compreendidos.

- Sim, mas conheço histórias lá na cidade, de mães amorosas que foram abandonadas pelos filhos em asilos. Isto para mim é a maior ingratidão! - disse Pedrinho. E onde foi parar a lei de ação e reação?

- Meu filho, as coisas não são tão simples assim. Às vezes a vida e as relações são muito complexas!

- É, mas e a ingratidão para quem lhe deu amor e a própria vida? - investiu o menino.

- Não resta dúvida de que a própria vida vai cobrar as intenções das nossas atitudes, mas com certeza, as relações familiares difíceis, vindas de um passado distante poderão estar por trás de tudo isto - ponderou D. Benta.

- Eu me lembro que em outro capítulo do Evangelho, Jesus disse:

"Honrai pai e mãe" e aí se trata sobre "A ingratidão dos filhos e os laços de família. Kardec nos explicou sobre estas relações anteriores em que o ódio está presente. Mas, os espíritos nos advertiram que a ingratidão é sempre negativa, mas que a dos filhos para com os pais torna-se odiosa - explicou D. Tonica.

- Agora sim, concordo com isto - falou Pedrinho.



- Que tal agora D. Tonica terminar com a prece? - disse Nastácia. Creio que já está na hora de servirmos a ceia.

D. Benta acenou positivamente com a cabeça e D. Tonica terminou o Evangelho do Natal com muita emoção.

- Querido Mestre Jesus. Hoje aqui reunidos, comemoramos o seu Natal de Amor. Neste momento queremos ofertar os nossos melhores sentimentos. Levamos até vós o nosso amor, a nossa paz e a vontade de melhorarmos cada vez mais o coração. Que as bênçãos do Pai Celestial nos envolvam neste momento, para que nos sintamos elevados no seu amor divino. Abençoa nossos lares, nossos familiares e também a todos aqueles que hoje precisam mais de vós. Que assim seja!

Terminada a prece, as crianças se levantam rapidamente, como se tivessem molas nos pés. Saem às carreiras para a varanda, admirando o lusco-fusco da árvore tão bem adornada. Ali estavam enfeites feitos à mão por cada um ao longo dos anos. Era o momento mágico da inspeção dos enfeites.

- Olha, Pedrinho! Lembra-se desta bola toda de areia colorida? -pergunta Narizinho.

- Como não? Encontramos esta preciosidade às margens do riacho que vai para o Reino das Águas Claras - respondeu o menino sorrindo.

- Olhe aqui, Narizinho! Veja, é toda feita de tecido bordado do seu vestido de casamento. D. Aranha quem teceu!

E por aí afora vão se regalando das agradáveis lembranças. Realmente, uma árvore cheia de amor e histórias pra contar!...

### CAPÍTULO 3 - A OVELHA PERDIDA

O sol já ia longe quando a turma acordou. As carinhas ainda amassadas de fronha surgem na cozinha para o café.

- Uai! Pensei que ninguém iria levantar-se hoje! - disse Nastácia. A farra e a comilança foram boas até altas horas ontem!

- Também, pudera! Era Natal e Pedrinho chegou em cima da hora. Nós tínhamos muito a conversar - disse Narizinho.

Emília veio chegando de mansinho e colocou sua caixinha de presente sobre a mesa.

- Ora, Emília, ainda não abriu seu presente? - perguntou Pedrinho admirado.

- Eu não. Estou com medo do tamanho da decepção - respondeu mal humorada.

- Mas se a decepção for do tamanho da caixa, creio que não haverá problemas - sorriu Pedrinho.

A boneca irritou-se e rasgou o papel. Mas, qual não é sua surpresa, quando encontra um par de besouros vermelhos para prender os cabelos. Arregalou os olhos e deu um pulo de alegria.

- Como é que D. Tonica foi adivinhar que amo os besourinhos?

- Ela não adivinhou, Emília. Fui eu mesmo que escolhi - respondeu Pedrinho com olhar maroto.

- Está vendo só, minha bonequinha malcriada! Os melhores perfumes vêm nos menores frascos! - arrematou D. Benta. Nada como conhecer-se a alma de uma pessoa para presenteá-la, não é mesmo?

- Bem, e o que vamos fazer da vida por hoje? - perguntou Visconde.

- Que tal uma visita pelo sítio revendo os animais? Estou morrendo de saudades! - exclamou Pedrinho.

- Se quiserem, posso levá-los de charrete por aí - disse Barnabé.

- Ótimo! - gritou Emília batendo palmas.

A correria agora é pelo terreiro. Barnabé aprontou a charrete e saíram todos a passeio. Aprumaram-se apertadinhos na charrete com grande alegria e lá foram eles!... Passaram pelo córrego e Emília não deixou de recomendar seus cuidados com o Príncipe das Águas Claras. Beirando a cerca da estrada dava para se ver o gado leiteiro e as novas crias mamando. Chegaram até às cachoeiras e lá estava o Negrinho, a Pampa e seu filhote. Lindo o potrinho! Pedrinho pediu para descer. É aquela festa, alisando os bichos sem parar e matando as saudades. Emília chamou para irem à granja colher uns ovos e lá se vai o batalhão. É só galinha a cacarejar sem parar deixando os ninhos.

- Bela cesta, tio Barnabé! Tia Nastácia vai adorar, pois está recheadíssima de ovos - disse Pedrinho.

Dali dirigiram-se até a pastagem das ovelhas. Narizinho e a boneca derreteram-se em carinhos aos carneirinhos, detendo-se principalmente em um que estava com a patinha machucada. Passaram o dia todo nesta atividade com os

animais. Chegando à noite, sentaram-se no tapete aos pés da cadeira de balanço de D. Benta, esperando por suas histórias.

- Bem, sobre o que falaremos hoje? - perguntou D. Benta.

- Como estivemos junto aos animais, que tal uma daquelas histórias de Jesus sobre eles? - arriscou Visconde.

- Já sei! Das ovelhinhas que eu mais gosto! - disse a boneca.

- Então vamos lá. Estava Jesus junto aos discípulos, quando é interpelado a respeito das criaturas que viviam distantes das verdades do Pai Celestial. Jesus então conta a parábola da Ovelha Perdida.

"Estava o pastor conduzindo o seu rebanho ao final do dia e resguardá-lo no aprisco. Ele cuidava de cem ovelhas e ao guardá-las, observou que faltava uma. Imediatamente, deixou as noventa e nove e foi em busca da ovelhinha desgarrada do rebanho. Após muito procurar, encontra-a caída em um buraco, ao cair da noite. Com certeza pereceria com os lobos à espreita. Recolheu-a com carinho e carregou-a nos braços até o aprisco, guardando-a junto com as outras. "

- O que acharam desta história? - perguntou D. Benta.

Emília como sempre logo deu o seu palpite:

- Mas, só um pastor de Jesus mesmo para fazer isto. Onde já se viu deixar noventa e nove ovelhas para ir atrás de uma só fujona? Deveria ter-lhe aplicado um castigo, deixando-a passar a noite sozinha. Queria só ver se no dia seguinte ela não iria correndo junto ao rebanho!

- Emília, as noventa e nove já estavam salvas, portanto não corriam perigo - ponderou Visconde.

- Também, essa ovelha representa um de nós quando se desvia do caminho e nosso anjo guardião nos socorre, não é vovó? - perguntou Narizinho.

- Muito bem, minha prima. Mas o pastor representa a vontade divina guiando-nos e defendendo-nos dos perigos, através de seus mensageiros, como Jesus e nossos anjos guardiões - complementou Pedrinho.

- Bem, vejo que não precisamos de comentários - disse D. Tonica. A turma está bem afiada!

- Estou gostando de ver e ouvir - retrucou D. Benta.

- Mas não há outras histórias um pouco parecidas como a do Filho Pródigo e A Dracma Perdida? - indagou Pedrinho.

- Eu não estou dizendo? Já estão craques no assunto. É isto mesmo. O objetivo das três parábolas é justamente mostrar que a Providência Divina se preocupa com qualquer um de nós que se desvia do caminho e alegra-se quando tem a chance de recebermos novamente.

- Como é mesmo esta história, Sinhá? - perguntou Nastácia.

- "Era uma vez um senhor que tinha dois filhos. Viviam junto ao pai em suas fartas e ricas terras. Um dia, um deles pediu a sua parte da fortuna e saiu pelo mundo. Foi pródigo esbanjando e gastando tudo o que possuía. Quando ficou sem nada, os falsos amigos o abandonaram. Para comer e ganhar a vida, só conseguiu

emprego como guardador de porcos em região distante. Em extrema pobreza, reflete:

- Os empregados de meu pai vivem melhor que eu. Vou voltar e pedir para que ele me receba como um deles e não como seu filho.

Assim fez. Lá chegando, na porteira da estrada seu pai observa-o ao longe e logo chama seus servos dizendo feliz:

- É meu querido filho que à casa torna. Vão a seu encontro imediatamente. Levem-lhe roupas e sandálias!

Ao chegar perto do filho, este lhe diz:

- Pai, não sou digno de ser seu filho, mas receba-me em sua casa como seu criado.

O pai abraça-o e diz:

- Seja bem-vindo, meu filho que retorna ao lar. Vá, tome seu banho e vista-se.

O senhor lhe dá um anel de presente e manda os servos matarem um novilho para a festa de comemoração. O filho que ficara nas terras do pai, tomando conhecimento do acontecido, balbuciou aborrecido:

- Sempre estive ao lado de meu pai e ele nunca ofereceu um novilho sequer para que eu festejasse com os amigos!

Nega-se então a participar da festa. "

- Ora, D. Benta, nesta parábola do Filho Pródigo, o irmão que ficou nas terras do Pai trabalhando a seu lado nunca foi reconhecido? Logo que chegou o filho esbanjador da fortuna paterna, foi recebido com presentes e festas? Isto eu não concordo! - ponderou Visconde.

- Meu pequeno sábio! A bondade divina mostra-nos que sempre seremos seus filhos, não importando em que condições. Poderemos errar o quanto quisermos, sofreremos e distanciarmo-nos do Pai pela Lei do Livre-Arbitrio. Mas, quando cansarmo-nos desta vida de desenganos e procurarmos sinceramente os braços amorosos de Deus, seremos acolhidos em seu amor.

- Sim, mas e o outro filho? - insistiu Emília. Ele não merecia mais por não ter errado tanto?

- Minha filha, ele já possuía a recompensa de uma vida boa e feliz a qual viveu sempre ao lado do pai. Que recompensa seria melhor que esta?

- E nem precisaria fazer beicinhos de Emília pelos cantos, com ciúme do irmão que voltara - disse Pedrinho. Se ele amasse o irmão de verdade, faria o mesmo que o pai fez, não é vovó?

- Realmente, esta é a mensagem que Jesus quis nos passar. Muitas vezes, por conhecermos as leis de Deus nos fazemos de bonzinhos, mas cobramos do Pai um quinhão maior da sua bondade para conosco, em detrimento daqueles que julgamos serem piores que nós, não é mesmo?

- Essa é para se pensar, vovó! Quantas vezes já me peguei pensando assim, achando que mereço mais do que alguém, por isso ou por aquilo - disse Narizinho.

- A finalidade das parábolas e ensinios de Jesus é realmente esta, Narizinho - disse D. Tónica. Servem para a nossa reflexão, para analisarmos nossas atitudes no dia a dia e tentarmos corrigi-las.

- Não é nada fácil! - retrucou Emília com o nariz empinado. Vocês querem é torcer o pensamento e a maneira de ser da gente. Isto é uma lavagem cerebral!

- Essa é boa! Lavagem no seu cérebro de macela! Deve estar todo mofado mesmo, por isso vive dizendo tantas asneiras - respondeu Pedrinho.

A guerra já estava declarada, quando D. Benta argumentou:

- Guardando as armas e indo para a cama! Amanhã teremos mais. Boa noite.

## CAPITULO 4 - O SONHO DE PEDRINHO

Emília um tanto aborrecida foi para cama com Narizinho, mas antes declarou a revanche para o dia seguinte. Quando tudo estava calmo, todos passaram por breve cochilo. Pedrinho, em espírito, sai fora do corpo rapidamente. Achou tudo muito divertido. Foi até o quarto de Narizinho e chamou-a de mansinho.

- Olá, prima, que tal passearmos pela noite?

- Narizinho olha um tanto surpresa, mas Emília surgiu com cara bem emburrada.

- Vamos chamar Visconde! - respondeu a menina. E Vovó e Tia Tonica?

- Não, isto é aventura para crianças!

E lá se foram os quatro danadinhos, quando surgiu à porta da varanda alguém já velho conhecido.

- Argus! Que saudade! Disseram as crianças correndo a abraçá-lo. Argus era um velho espírito amigo sempre disposto a orientar e esclarecer as crianças curiosas pelas coisas espirituais. O seu tamanho assustava, pois vinha de outras dimensões, mas seu coração e conhecimentos eram maiores ainda. Emília olhou meio desconfiada.

- Que história é esta? Este eu ainda não conheço. Não vão me apresentar?

- É nosso velho amigo de viagens astrais, Emília. Quando tem tempo e novidades a nos mostrar ele aparece - disse Pedrinho.

- Mas que história é essa de viagens astrais? - perguntou a boneca de testa enrugada.

- Ora, não se lembra quando Vovó nos explicou sobre os sonhos? Quando dormimos podemos sair fora do corpo e viajarmos até lugares longínquos.

- Quer dizer então que estamos dormindo? Eu, pelo menos, sinto-me muito bem acordada. Em todo caso, vou dar um beliscão em você para ver se acorda - respondeu a boneca com cara marota.

- Ai! Emília! Você está querendo é se vingar pela história de lavagem cerebral - reclamou o menino.

- Bem, pessoal, já que vocês têm muitos assuntos a tratar entre si, creio que voltarei outra noite - disse Argus.

- Não, não! Corrigiu Narizinho a tempo. Onde iremos esta noite?

- Eu posso escolher? - perguntou Emília.

- Se for possível... respondeu Argus.

- Eu gostaria de ir a Jope e conhecer o local onde Saulo e Abigail noivaram.

- Mas, que excelente idéia! Talvez até consigamos rever algumas cenas passadas ali - disse Argus.

As crianças acomodam-se em seus fortes braços e o vôo pelo espaço se inicia. Passam pelo litoral de São Paulo e Rio de Janeiro, observando as luzes das cidades. Sobre elas há intenso nevoeiro escuro e apenas alguns pontos luminosos.

- O que é isso, Argus? - indagou Visconde.

- É o acúmulo das irradiações mentais das pessoas que vivem nestas regiões. Formam-se por vezes nuvens densas, até difíceis de serem transpostas por volitação - disse o espírito guardião.

- E o que é volitação? - perguntou Narizinho.

- É esta maneira pela qual nos locomovemos no espaço neste momento.

- Voando, você quer dizer? - disse Emília.

- Sim, sem tocar-se o chão. Em nosso caso é com grande rapidez, pois a distância a percorrer é enorme pelo tempo do qual dispomos - explicou Argus.

- Todos nós poderemos fazer isto? - perguntou Visconde.

- Bem, exige um certo aprendizado, concentração, boas condições perispirituais e emocionais - comentou o espírito.

- O que são aqueles pontos luminosos no meio das nuvens? - indagou Narizinho.

- São bons pensamentos, principalmente vindos através de orações, pedidos de ajuda, alguém vibrando amor para o próximo...

- Podemos pegar alguma luzinha dessas? - pediu Emília.

- Deixa de ser oferecida! - falou Narizinho.

- Poderemos auscultá-la, minha boneca preferida! Vou chegar mais próximo e vocês ouvirão.

Acomodaram-se e colocaram o ouvido em um dos canudos brilhantes e coloridos que subiam, ouvindo ressoar:

- Maria, mãe de misericórdia! Interceda em favor de meu filho que se encontra tão perturbado e confuso! Mãe querida, tenha piedade de nós. Lança seu manto de amor sobre nós. Envolve meu filho Lucas em sua paz Celestial!

Todos arregalaram os olhos de espanto e Visconde exclamou:

- Acabamos de ouvir a prece de alguém por intermédio deste cabo luminoso?

- É isto mesmo. Todos estes cabos luminosos, como você disse, são preces com destino certo - respondeu o espírito.

- E a resposta? - insistiu Visconde.

- De acordo com o merecimento de cada um, mas com certeza, a prece de uma mãe é sempre levada em conta pelo seu amor.

Continuaram a viagem atravessando o Atlântico rapidamente, dirigindo-se à velha Europa e mais diretamente, à terra da Palestina. Do alto, vislumbraram uns caminhos luminosos com colorações diferentes.

- E agora, Argus? O que significa isto? - indagou Visconde muito curioso.

- Estas terras guardam as irradiações luminosas dos grandes missionários que por aqui passaram, principalmente Jesus. Sua trajetória e a de Paulo de Tarso são as mais notáveis pelo brilho intenso. As vibrações ficam aderidas ao local e aos objetos tocados.

- Nossa! Dá para fazer o mapa espiritual do trajeto de cada um aqui de cima! - continuou Pedrinho.

- E aquele ponto luminoso naquela cidade? - perguntou Narizinho.

- Muito importante! Ali é Jerusalém e o ponto luminoso é o local onde existiu a Casa do Caminho, considerada a primeira Igreja Cristã fundada por Simão Pedro.

- Mas, e a estrada de Jope? - quis saber a boneca.

- É logo ali mais adiante. Vejam só - disse Argus apontando com o dedo. Ali é que desceremos.

A emoção era grande, pois foram descendo rapidamente, pousando no chão. Avistaram pequena propriedade rodeada por tamareiras em flor. O perfume característico chamou-lhes a atenção.

- Que lugar mágico! - disse Emília. Olhem um banco ali no meio. Tenho certeza que aqui eles noivaram! Saiu em desabalada correria e sentou-se no banco. Seus olhinhos estavam marejados de pranto. Quanta emoção!

Argus perguntou:

- Querem ver a cena verdadeira?

Todos fazem um sinal positivo com a cabeça.

Argus concentra-se. Densa névoa tomou conta do lugar e, de repente, aos olhos estupefatos das crianças surgiu bela jovem de cabelos longos e pretos, de tez alva e delicada. Em seguida, um jovem de olhos brilhantes, vestido à moda judaica, cabelos encaracolados e olhar terno, acompanhou-a de perto. De mãos dadas, sentaram-se no pequeno banco e trocaram juras de amor. Não se soube precisar o tempo da breve visão, mas a emoção colhida no momento fez com que parecesse eterno. Aos poucos, a tênue névoa se desfez e Argus comentou:

- Satisfeita, D. Emília? Creio que nem caberão comentários. O aprendizado hoje foi a captação das emoções poderosas do verdadeiro amor. Vamos para casa? Voltam felizes nos braços fortes de Argus e logo estavam em suas caminhas.



## CAPÍTULO 5 - LEI DE IGUALDADE

O sol amanhece radiante no sítio. Como de costume, Barnabé tira o leite no curral e Pedrinho encarrega-se a Tia Nastácia para breve fervura. A brisa da manhã é perfumada pelas flores das jabuticabeiras. Seu perfume inunda o ar em intensa gostosura.

D. Benta sai à varanda, respira aquele ar docemente perfumado e chama Tonica para senti-lo.

- Que brisa! Que aroma delicioso! - exclamou Tonica. Como se poderá querer ir embora daqui para a cidade grande? Pedrinho tem lá suas fortes razões.

- Ué! Pelo jeito as duas irão alimentar-se hoje de puro aroma das flores de jabuticabeira? - perguntou Nastácia. O café já está esfriando!

- Calma, Nastácia! Uma manhã como esta não é comum - disse Tonica.

- Veja lá! Isso é coisa de gente da cidade. Aqui é sempre assim: um dia cheira mato, no outro alecrim e daí por diante - remendou Nastácia.

Pedrinho chega do curral com o leite nas mãos, todo lampeiro e falou:

- Hoje tenho novidades, vovó! Tive um sonho muito interessante. Mas, vamos primeiro ao café da manhã.

Aos poucos chegam os demais com um largo sorriso. Emília não cabia em si de contentamento.

- A boneca viu passarinho verde hoje ao levantar? Nunca vi tão bem humorada logo cedo - comentou Nastácia.

- Também pudera, tive um sonho maravilhoso! - disse Emília.

- Conte logo - pediu D. Tonica interessada.

- Sonhei que voei nos braços de um anjo que me levou até uma bela cena de amor nos tempos de Jesus.

- Mas que cena era esta? - perguntou interessada D. Benta.

- A melhor que já ouvi na história: Saulo de Tarso e Abigail à sombra das tamareiras lá em Jope.

- Ora, Emília, você está exagerando. Do meu sonho apenas recordo de alguém explicando sobre umas nuvens negras e uns pontos de luz. Depois, ouvi a prece de uma mãe aflita - disse Pedrinho.

- Eu me lembro de uma cena de amor sim, como naqueles filmes históricos. Parece que fui assistir a um filme e depois fomos trazidos para casa por um gigante simpático - complementou Narizinho. Lembro-me vagamente de Pedrinho batendo no meu ombro e chamando-me para uma aventura.

Visconde, que ouvia num canto, resolveu manifestar-se:

- Pois acreditem! Tudo isto aconteceu realmente. A seqüência não foi bem esta, mas cada um lembrou-se de uma parte do sonho. Como uma colcha de retalhos, juntamos todas elas e teremos o sonho por completo. Recordo-me até do nome do grande espírito guardião que nos levou em seus braços: Argus!

- Realmente, parece que os quatro fizeram uma bela viagem astral esta noite, com direito a filme ao vivo e "in loco" - disse D. Benta.

Mas, porque não nos recordamos totalmente como o Visconde? comentou Pedrinho.

- Os sonhos são assim mesmo. A nossa matéria física causa algumas dificuldades, ou melhor, algumas barreiras à memória quando acordados - respondeu D. Benta.

- A não ser quando a necessidade da lembrança é muito importante no dia a dia de cada um. Nestes casos nossos mentores espirituais fazem alguns ajustes energéticos para que consigamos relembrar aquilo que se passou pela madrugada - complementou D. Tonica.

- Ah! Pensei que só eu tivesse assistido a cena tão linda! Exclamou Emília aborrecida.

- Como sempre egoísta, não é, Emília? - resmungou Pedrinho. Acontece que todos temos direitos iguais. Por que só você seria a privilegiada?

- Porque me lembro muito bem quando Argus disse em alto e bom tom: - Minha bonequinha preferida!

- Ah! Ah! Ah! Era só o que me faltava. A preferida do grande anjo guardião Argus! Só me faltava esta! - retornou Pedrinho.

- Vamos aproveitar e falar um pouco sobre esta Lei de Igualdade, crianças - recomendou D. Benta. Realmente, todos temos direitos iguais perante Deus. Apenas as desigualdades surgem em nossas vidas por questões de merecimento. Vocês, por exemplo, mereceram viajar juntos e realmente aconteceu.

- Por falar em Lei de Igualdade, D. Benta, como é que ficam as desigualdades tão grandes existentes neste mundo? - perguntou seriamente Visconde.

- É, meu sábio, esta é uma questão bem mais complexa. Se formos analisar o que Kardec perguntou aos espíritos no Livro dos Espíritos, teremos um belo panorama a descortinar-se sob nossa visão. Os espíritos nos dizem que fomos criados todos iguais: simples e ignorantes. Esta é a justiça e bondade do Pai para com todos nós.

- Então, Sinhá, porque há tanta diferença no mundo: um é rico, outro pobre, um saudável e outro doente, um inteligente e outro ignorante? - comentou Nastácia.

- Aí é que está, Nastácia. Fomos todos criados da mesma forma, somente que à Lei de igualdade, a bondade divina acrescenta a Lei do Livre-Arbítrio - disse D. Tonica.

- Então já sei - concluiu Visconde. Se cada um tem a liberdade de fazer o que quiser, caminharão de diferentes formas e suas vontades serão sempre respeitadas.

- Boa conclusão, Visconde - disse D. Benta. Cada um segue a vida e o aprendizado no seu ritmo, portanto, como poderemos ser todos iguais? Esta é a grande sabedoria divina. Cada um de nós é um ser uno, com individualidade própria, desde que fomos criados como um princípio inteligente.

- Está aí! Gostei! - gritou Emília. Viram como Deus é sábio? Garanto que não fica me apontando com este dedo e olhares acusadores como vocês.

- E não é que a boneca tem razão! - exclamou D. Benta. É por aí mesmo o raciocínio, mas aos mais velhos, que orientam as crianças, cabe uma grande responsabilidade que é a orientação e a demarcação dos limites a serem ultrapassados.

- Agora já entramos no campo da educação infantil, que é coisa muito séria - comentou D. Tonica.

- Mas a criança não nasceu para ser feliz? - insistiu Emília.

- Não resta dúvida. Mas, quem disse que a felicidade é uma porta aberta à manifestação de todo e qualquer instinto? Isto é para o reino dos animais irracionais. Nós, que já possuímos o pensamento, quanto mais conhecimentos, mais aumentam as nossas responsabilidades. Jesus nos disse: "À quem muito foi dado, muito será pedido - explicou D. Benta.

- Mas, vovó, estas diferenças e desigualdades não aparecem em uma só vida, não é? - perguntou Pedrinho.

- Com certeza. Nas primeiras elas já vão aparecendo e com o passar do tempo, mais se acentuam. Mas, o nosso destino final, para todos sem exceção, é a perfeição.

- Que coisa mais linda, vovó! - exclamou Narizinho. Que lei sábia!

- Bem, por hora ficamos por aqui. Vão brincar à vontade que à noite conversaremos mais.

## CAPÍTULO 6 - MARIA DE NAZARÉ

Ao cair da tarde, belo por do sol se descortina no horizonte. Sentados à varanda, todos assistem ao grandioso espetáculo da natureza. As crianças observavam as diversas nuances de cores que brincavam no céu. Cada um tinha a sua cor preferida. Narizinho dizia:

- Minha nuvem é aquela bem rosada em forma de um lindo carneirinho.

Emília fazendo beicinho exclamou:

- Bem, já que você escolheu a mais bonita, eu escolho os fios dourados que se esparramam por entre todas elas. Parecem de ouro! São lindas!

- Eu, disse Pedrinho, já prefiro o vermelho forte do sol. Aquela misteriosa bola de fogo sempre me impressionou.

Visconde, pensativo, observou:

- O meu momento preferido ainda não chegou. Como um sábio bem sóbrio, prefiro o nascer da lua e de preferência bem cheia.

- Ele sempre quer ser o diferente, não é, Visconde? Não pode nunca ser igual a toda gente? - reclamou Emília.

E por aí a conversa vai longe. Narizinho perguntou:

- Por que será que este é um horário tão especial? A natureza toda parece curvar-se e reverenciar este espetáculo diante da majestade do sol poente.

- Acontece, minha filha, que este horário é realmente um momento muito importante no Universo - explicou D. Benta. É o momento do "Ângelus". É a hora da "Ave Maria". Em todos os locais do planeta Terra se faz a oração em reverência à Maria de Nazaré, a mãe de Jesus.

- Só aqui na Terra? - perguntou Pedrinho.

- No plano espiritual também temos notícias de que nas colônias espirituais se entoam hinos e cânticos à Maria. Aqui na Terra, várias rádios tem o seu momento da "Ave Maria" - comentou D. Benta.

- Até que enfim levaram em consideração a mãe de Jesus - retrucou Emília. Se ele foi e continua sendo tão importante, com certeza sua mãe seria importante.

- Não só importante. Maria foi um espírito muito nobre e bem preparado para cumprir a missão de mãe do Nazareno - completou D. Tonica.

- Ela até recebeu a visita do anjo Gabriel para avisá-la que seria mãe do Salvador, não é, Sinhá? - emendou Nastácia.

- Tudo começou assim, mas com certeza, antes de vir à Terra, já estaria programada para recebê-lo e de forma bem especial - explicou D. Benta.

- Bem, no Natal de Jesus, adoro a árvore de Natal com seus enfeites e luzes, mas aquele presépio sempre foi minha grande paixão - disse a boneca enternecida.

- Mas a vida de Maria não foi um mar de rosas. Quando já estava prestes a dar a luz, precisou viajar para Belém com José no lombo de um burrico, pois assim que se viajava naquela época. Precisaram ir a Belém por causa do recenseamento.

- Mas que grande judiação, obrigarem uma mulher em estado adiantado de gravidez a fazer uma viagem nestas condições! - resmungou Nastácia indignada.

- E o pior de tudo é que lá chegando, não havia lugar para hospedagem em nenhuma estalagem. A cidade estava completamente lotada. José e Maria apenas conseguiram uma estrebaria para o repouso da noite. Mas, felizmente, naquela noite consagrada há dois milênios, nasceu Jesus - contou D. Benta.

- E ele foi aquecido por um boi e um burrinho, pois fazia muito frio, não é? - disse Emília.

- Mas, porque Jesus nasceu assim, nestas condições - replicou Narizinho - já não estava planejada toda a sua chegada aqui na Terra?

- Sim, ele justamente quis dar-nos uma grande lição de humildade já em seu nascimento. Nasceu simples, no meio dos animais, sem ter uma caminha especial. Assim também foi sua vida na época da pregação do evangelho. Nunca teve uma pedra que fosse para repousar sua cabeça. A mensagem deixada sempre foi a do desapego às coisas materiais. Seu pai foi um simples marceneiro e Jesus mesmo criança, ajudava-o aprendendo o ofício. Por toda sua vida ele dizia: "Meu reino não é deste mundo".

- Mas, Jesus era mesmo esquisito - comentou Emília. Para mim, ele só poderia ser de outro planeta, pois igual, nunca existiu outro na face da Terra!

- Palavras ditas com muito acerto - disse D. Benta. Realmente, Jesus foi único, e já fazia parte de um mundo que aqui nomeamos de "Esfera Crística", quer dizer, de espíritos bem próximos à perfeição.

- Então, sua mãe não poderia ficar atrás e seu pai também, não é? - perguntou Pedrinho quase afirmando.

- Com certeza, ambos foram escolhidos a dedo. Não só eles como seu primo João Batista, que o precedeu e avisou ao mundo sobre sua chegada.

- E os discípulos também - completou Barnabé - apesar de não serem assim tão perfeitos como Jesus, mas tiveram missão importante e com muitas lutas para levar a sua mensagem adiante.

- Mas, fale mais sobre Maria, vovó! pediu Narizinho interessada.

- Maria foi muito feliz por receber Jesus e viver em sua convivência familiar. Mas, muito sofreu por ele, quando aos trinta anos vai ao povo para cumprir sua missão. Foram três anos de alegrias e ao mesmo tempo muitas preocupações com seu destino.

- Mas, Sinhá, é verdade que os irmãos não gostavam dele? - perguntou Nastácia.

- Infelizmente, existe até aquela passagem em que ele está falando sobre o evangelho e lhe dizem que sua mãe e seus irmãos o chamam lá fora. Então Jesus responde: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?"

- Então ele não gostava de sua própria mãe? - exclamou Emília.

- Não é bem assim. Sempre que havia oportunidade, Jesus nos enviava mensagens profundas e simbólicas por parábolas. Neste momento, queria dizer que sua família eram aquelas pessoas que compartilhavam do evangelho. Fez menção à família espiritual, que é a verdadeira, pois nem sempre a família de laços de sangue tem a mesma sintonia e ou afinidades espirituais. Seus irmãos realmente achavam-no estranho, como diz a Emília. Sua mãe temia pelo seu destino.

- Mas ela bem que estava certa! - disse Pedrinho.

- Sim, mas o Mestre aqui veio destinado a uma missão, à qual não poderia fugir - explicou D. Tonica. Quando Maria fica ciente da prisão de Jesus, procurou a todos os conhecidos no Sinédrio que pudessem interferir em seu julgamento, mas foi em vão. Sofrendo muito, acompanhou o martírio do filho o tempo todo, enquanto levava a cruz ao calvário, tentando consolá-lo ou aliviá-lo de alguma forma. Por fim, assiste ao suplício final acompanhada por Maria de Magdala e o apóstolo João.

- E foram eles quem ajudaram os soldados a recolherem seu corpo na cruz - replicou Barnabé.

- Sim, e Maria de Magdala é a primeira a vê-lo ressuscitado após a crucificação.

- E como fica esta história da ressurreição do Cristo e o seu corpo que desaparece do sepulcro? - perguntou Pedrinho.

- Bem, meu filho, sabemos que a ressurreição não existe, mas de acordo com a Doutrina Espírita, cremos que possivelmente ocorreu um fenômeno de materialização do Mestre, para comprovar a imortalidade da alma. Quanto ao seu corpo, nada poderemos afirmar. Há até uma filosofia de pensamento que trata este assunto de forma diferenciada. Acreditam que o corpo do Cristo era especial, feito de matéria diferente da nossa e que deveria ter-se desintegrado após sua morte.

- Mas, este pensamento não é correto, não é, vovó? - indagou o menino.

- Não vamos entrar no mérito da questão, pois a polêmica é muito grande e já dividiu casas religiosas por isso. O que nos importa realmente saber como era o corpo do Cristo? Importa saber quem foi e o que fez entre nós e por nós. Afinal, se o seu corpo não fosse como o nosso, seu flagelo na cruz seria apenas uma farsa? Está correto que a maior dor que ele sentiu, com certeza foi a dor moral de ser sacrificado por quem tanto amou!

- E Maria, vovó, como ficou depois? - perguntou Narizinho.

- Maria continuou passando a mensagem do filho. Ainda conviveu com os discípulos e o próprio Paulo de Tarso visitou-a várias vezes. Como nos conta Maria Dolores, em belos versos psicografados por Chico Xavier, Maria já desencarnada faz questão de procurar pessoalmente o discípulo Judas que traíra Jesus e ocasionado sua prisão. Seu espírito tão nobre vai procurá-lo no Vale dos Suicidas e encontra-o em grande sofrimento, aprisionado pelo próprio remorso. Resgatou-o com carinho e daí por diante, não mais abandonou esta tarefa de resgate aos suicidas. Temos também notícias a este respeito no livro "Memórias de um suicida", ditado pelo espírito de Camilo Castelo Branco à médium Yvone Amaral Pereira. Neste livro o autor espiritual conta ter sido socorrido pela "Legião dos Servos de Maria" e levado a um hospital espiritual dirigido por ela.

- Mas, que nobreza de alma, Sinhá! - comentou Nastácia emocionada, enxugando uma lágrima. Imagine se uma mãe qualquer irá socorrer o responsável pela morte de seu filho. Um traidor!

- Mas, cuidado com o julgamento de Judas. A história contou várias versões e Judas não pretendia realmente prejudicar o Mestre. Andava metido com ideias políticas e acreditava que Jesus poderia realmente ser o rei dos judeus aqui na Terra. Estava

tão fascinado por esta idéia que, quando viu o resultado dos seus atos, caindo em si acabou com a própria vida.

- Mas, vamos ficar com a recordação doce, branda e serena de Maria de Nazaré e aproveitar este momento para fazermos nossa homenagem a ela - disse D. Tonica.

"Ave Maria, cheia de graça! Bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus! Santa Maria, mãe de Jesus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Que assim seja. "

- A primeira frase desta oração é a mensagem que o anjo Gabriel disse à Maria no momento da anunciação do nascimento do Cristo - disse Barnabé. Vocês deveriam consultar a Bíblia, pois lá está. Lucas, 1, 26 a 28.

## CAPÍTULO 7 - O VENDAVAL

O dia amanheceu carrancudo. Ventos constantes rodeavam o sítio com nuvens e trovoadas ameaçadoras. As galinhas cacarejavam e corriam agitadas de lado a outro no galinheiro, pressentindo a tempestade. Os pássaros voavam baixo, cujos piados prenunciavam o mau tempo. Até os bezerros juntavam-se em grupos próximos ao curral com mugidos pungentes. D. Benta saiu à varanda e exclamou:

-Nastácia, peça a Barnabé para recolher a lenha, pois aí vem chuva e é das boas! As nuvens foram fechando-se em cores escuras. Os relâmpagos clarearam os céus de tempo em tempo, acompanhados do ribombar dos trovões. A garotada vem para a varanda e Pedrinho reclamou:

- Hoje não teremos nenhuma programação no campo!

- Em compensação, poderemos fazer vários barquinhos de papel para colocar na enxurrada - observou Emília batendo palmas de alegria - Narizinho! Coloque umas cartinhas para o Príncipe das Águas Claras, pois a enxurrada irá direto para o riacho.

- É do contra mesmo esta boneca! Onde já se viu gostar tanto de uma tempestade como esta! - exclamou Pedrinho.

- Isto não está me cheirando nada bem, Sinhá! Acho que vem algum estrago por aí. O barulho, pelo menos, está bem grande e a ventania crescendo em velocidade.

- D. Benta! -disse Visconde - Tia Nastácia tem razão. Veja como as árvores se vergaram até o chão.

- Ah! Meu Deus! E nossas jabuticabas, será que agüentarão firmes no pé? - reclamou Narizinho.

- Bem, crianças, chega de tantas elucubrações. Deus sabe o que faz e se fez a tempestade, ela há de ter a sua utilidade, o seu benefício.

- A professora de geografia, quando explicou sobre o clima das regiões, fez várias observações - explicou Pedrinho. A tempestade limpa o ar e trás a umidade para a terra, o ar e as plantas, além de engrossar os rios, senão eles pereceriam.

- É mesmo! No Nordeste existem muitos rios secos porque lá não chove como aqui - completou Narizinho.

- E os ventos possuem seus caminhos! - disse Visconde. Sua função também é interessante: ajuda a secar, fazendo evaporar a água para formar novas chuvas. Traz sementes variadas que se espalham por aí, brotando com as chuvas.

- Pelo que vejo, já estão bem entendidos do assunto. Tudo isto envolve a sabedoria e a bondade divina - disse D. Benta.

- Mas, e as destruições, Sinhá? Quando as chuvas chegam as enchentes destroem, os vendavais chegam até a destelhar e derrubar árvores.

- Nastácia tem razão! - disse Barnabé. Da última vez tivemos várias baixas de árvores aqui no sítio. Até o telhado da minha palhoça precisei consertar.

- Existem as leis divinas que regem o Universo e entre elas temos duas que brigam o tempo todo entre si - explicou D. Benta.

- Ah! Quer dizer que até Deus inventou leis briguentas? -falou a boneca arregalando os olhos.



- Isto é maneira de dizer? Uma lei controla a outra e vivenciamos diariamente dentro de nós dois instintos parecidos: o instinto de conservação e o instinto de destruição. São conflitos que levaremos internamente até chegarmos à perfeição.

- Como assim? - perguntou Pedrinho.

- A Lei de Conservação é aquela que nos impulsiona a manter a vida e a harmonia do Universo ao nosso redor. Junto, carregamos o instinto de conservação que até através dos reflexos físicos nos faz proteger a vida do corpo. Por exemplo, ninguém é capaz de sentir fome ou sede sem movimentar-se para obter água ou comida, a não ser que estejamos doentes emocionais ou psíquicos. Nestes casos, o instinto de destruição começa a falar mais alto e realmente nos tornaremos doentes do corpo.

- Há pessoas que comem ou bebem coisas que lhes fazem mal, mesmo sabendo disto, Sinhá!

- Sim, Nastácia, este é um lado irresponsável do nosso caráter, quando falta amor por nós mesmos. Jesus nos disse: "Amai ao próximo como a si mesmo." Mas, muitas vezes esquecemos a segunda parte da frase e deixamos de nos amar. Nestes casos o prejuízo pode ser grande.

- Aí é a destruição do corpo e surgem as doenças, vovó? - perguntou Pedrinho.

- Somos responsáveis pelo que fazemos ao nosso corpo. Tudo aquilo que é exagero não é benéfico. Muitas vezes não é a falta do alimento que mata, mas sim o seu excesso.

- Bem, e as grandes destruições da natureza, como ficam? - interroga Visconde.

- Deus é o criador e suas leis são irrevogáveis. Jesus, como o diretor espiritual da Terra, não se descuida um só instante.

- Mas e as enchentes, vulcões e terremotos? Será que nesta hora Jesus não cochilou não? - deu o seu aparte Emília, como sempre questionando a veracidade das leis divinas.

- Minha bonequinha, aos nossos olhos ainda tão imperfeitos poderá até parecer um cochilo, mas tudo tem a sua lógica e explicação. No Livro dos Espíritos temos questões que tratam do assunto no capítulo VI - Lei de Destruição, quando fala dos flagelos destruidores. Dizem os espíritos: são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar sua inteligência, paciência e submissão à vontade divina. Mesmo que Jesus cochilasse, existem espíritos que auxiliam no controle dos fenômenos da natureza. Nada acontece por acaso - explicou D. Benta.

- Mas, e daí? Está certo Deus deixar o mundo que ele mesmo criou ser destruído pelos vulcões que também criou? - insistiu a boneca com as mãos na cintura e olhos muito arregalados.

- Aí que está! Existem as duas leis que se contrabalançam na natureza: a Lei de Conservação e a Lei de Destruição. O vulcão não deixa de ser destruidor no momento das explosões que, aliás, formam um espetáculo maravilhoso. Não existem fogos de artifício que superem a beleza deste fenômeno espantoso.

- É, vovó, mas só sobram cinzas, lama e as lavas endurecidas pelo solo - ponderou o menino.

- E o que vocês acham das maravilhosas ilhas do Caribe, Havaí e Polinésia? - perguntou D. Benta em desafio.

- Hoje constituem um paraíso para o turismo! - respondeu Pedrinho.

- Pois então, estão compreendendo agora como a destruição às vezes é necessária para a renovação e recriação do planeta? Estas ilhas são constituídas de formações rochosas vulcânicas. Aquela areia tão branca e as águas transparentes são o resultado disso. As barreiras rochosas, os parcéis de corais que circundam este tipo de ilha, constituem o paraíso dos mergulhadores e biólogos marinhos nas suas pesquisas na diversidade de espécies animais e vegetais.

- Que maravilha, Sinhá! Nunca imaginaria que um vulcão fosse benéfico - exclamou Nastácia encantada com o assunto.

- Pois é, Nastácia, nos primeiros tempos do planeta Terra, havia muitos vulcões e terremotos, até a superfície do globo modelar-se de forma razoável para receber a vida primeiramente a vegetal e depois a animal. Se formos estudar A Gênese de Allan Kardec, poderemos aquilatar a grande importância da Lei de Destruição contribuindo na formação do planeta. Hoje, realmente, quem mais destrói o planeta é o próprio homem. De uns tempos para cá fala-se em Ecologia, mas as grandes indústrias ainda estão muito longe de realmente poupar a natureza dos prejuízos do progresso moderno.

- Na televisão quase todos os dias vemos no noticiário situações assim. Falam em muitas valiosas, mas isto não repõe os prejuízos causados - refletiu Narizinho.

- Ontem mesmo ouvi falar sobre um grande vazamento de óleo em um navio petroleiro. Isto acontece sempre. Não só aqui no Brasil, mas em todo o mundo. Não me esqueço de uma foto mostrando a praia toda preta e as gaivotas meladas de óleo! Que judiação! - exclamou Emília.

- Isto não destrói os animais marinhos e as algas, vovó?

- Com certeza, Pedrinho. Os danos são alarmantes. Muitos se preocupam apenas com os maus resultados da pesca marinha, mas se esquecem de que a vida no planeta começou no mar. Ali existem tantos segredos a desvendar... O homem ainda não conhece totalmente a fauna e a flora marinha. Pesquisadores como Jacques Cousteau revelaram um mundo desconhecido. A cada dia descobre-se um tipo de ser vivo ainda não cadastrado pela ciência biológica.

- Puxa, Sinhá! Este assunto é de arrepiar. Quando será que o homem vai deixar de ver apenas os próprios interesses empresariais e o cifrão, para respeitar a criação divina? - reclamou Nastácia.

D. Tonica que se mantivera calada, resolve dar sua contribuição:

- Pelo jeito que as coisas andam, só quando se sentirem ameaçados diretamente no seu bolso e na sua saúde.

- Como assim? - assusta-se Narizinho.

- Ora, quando as doenças proliferam, quando as plantações se negam a frutificar, quando as águas se contaminam, quando o ar fica poluído e as pessoas mal puderem respirar, os ecologistas começam a se mexer.

- Gostei dos ecologistas! - bradou a boneca. Agora entendi o que eles fazem, pensei que eram apenas os fiscais de passarinhos e besouros presos. Acho até que, de hoje em diante, vou engrossar suas fileiras!

- Assim é que se fala, Emília - disse Pedrinho. Podemos até formar no sítio uma equipe ecológica para fazer inspeções aqui e na vizinhança. Que tal?

- Lá vem o interesseiro! Sempre querendo roubar as minhas idéias. Veja lá! Só se eu for a chefe da equipe. Aí aceito.

- Negócio fechado. A partir de amanhã começaremos as inspeções.

- Alto lá! Quem dá as ordens sou eu!

- Tudo bem, crianças. Vamos aproveitar que passou a tempestade e averiguar os prejuízos primeiro - aconselhou D. Benta.

## CAPÍTULO 8 - MALHADINHO

Pelo jeito, a tempestade só fez mesmo é barulho e causou apreensão. Não houve prejuízo algum e o pessoal resolveu é comemorar.

- Nastácia - chamou D. Benta - o acontecimento merece um cheiroso café com bolinhos! Pode providenciar.

Nastácia entra chacoalhando as saias e arrastando os chinelos, como sempre com um prazeroso sorriso, ao serem requisitados os seus préstimos de cozinheira. Emília vasculha o quintal e continua a colocar os barquinhos de papel junto a Narizinho nos finais da enxurrada. De repente, tio Barnabé gritou entusiasmado:

- Venham ver a grande novidade aqui no curral!

Após grande e alvoroçada correria, lá estavam todos dependurados na cerca.

- Que lindo! - exclamam todos.

- O bezerrinho da vaca Mocha! - disse Narizinho. Coitadinha, foi dar cria bem no meio da tempestade.

- Ah, minha menina, para os animais não existe tempo ruim! Chegando a hora, a cria nasce mesmo. Vejam como é bela a natureza! A própria Mocha já limpou o filhote. Lambeu seu pelo, deixando-o limpinho e brilhante - explicou Barnabé.

- Pois é, vovó! Porque será que os animais tem seus filhotes de maneira tão fácil, assim sozinhos? Com os homens a coisa é bem diferente e complicada, com hospitais, cesarianas, etc, etc - comentou Pedrinho.

- Às vezes, os animais também precisam da ajuda de um veterinário, mas a maioria realmente consegue se safar bem nesta hora. O homem é que realmente complicou tudo. As índias têm seus filhos sozinhas e de cócoras!

- Como assim? - perguntou a boneca de olhos arregalados. A criança cai no chão?

- Ora, Emília, é claro que elas devem colocar alguma proteção, como esteiras, folhas de bananeira... - replicou Narizinho.

- É assim mesmo, pois elas saem para o meio do mato - completou Barnabé.

- Então, vovó, porque estas diferenças? - perguntou novamente o menino.

- Bem, meu filho, aí cabe muitos comentários a respeito. Podemos começar pelo estilo de vida que se leva. Os índios levam uma vida sadia, as mulheres trabalham sua musculatura diariamente. A posição de cócoras é muito familiar no seu dia a dia. Caminham, agacham-se com frequência e estes exercícios facilitam o parto. As condições psicológicas e emocionais também interferem, sua cultura, alimentação... Elas

encaram tudo com muita naturalidade, até por conviverem tão próximas aos animais e à natureza. Quanto às mulheres da cidade, o estilo de vida é bem diferente e o treino da musculatura quase não existe. A alimentação muitas vezes é inadequada, levando uma vida sedentária e sua cultura induz quase sempre a fazer uma cesariana, por acharem mais prático não participar do momento doloroso do parto.

- Mas, assim não diminui o índice de mortalidade infantil, Sinhá? - observou acertadamente Nastácia. Já vi muita mulher perecer, ou a própria criança nas mãos de parteiras em casa.

- Muito bem lembrado. A vida humana é muito importante e precisa ser preservada. O ser humano muitas vezes traz compromissos ligados ao sexo de outras encarnações e, mesmo hoje, o sexo não tem sido levado a sério e com responsabilidade.

- Sabe, vovó, que lá na cidade as mocinhas já são mães bem novas? Conheci muitas que deixaram a escola por estarem grávidas, com treze ou catorze anos - falou Pedrinho.

- Na verdade, estamos vivendo uma outra Era. Hoje o sexo é muito liberal em todos os meios de comunicação. Até as propagandas de produtos para consumo induzem ao sexo. Os jovens perderam a noção de compromisso e responsabilidade para dar lugar apenas ao simples prazer.

- Por isso que a AIDS anda à solta, não é? - perguntou Nastácia.

- Não só a AIDS. Muitas jovens entram na experiência da maternidade muito cedo, cujos corpos ainda nem se encontram preparados para tanto. Enfrentam gravidez de alto risco, comprometendo a própria vida e do bebê - complementou D. Tonica.

- Se formos estudar a Lei de Reprodução no O Livro dos Espíritos, observaremos que é uma das leis mais interessantes e comoventes. Graças a ela povoamos o mundo, formamos nossas famílias, temos os melhores afetos. Graças a ela, recebemos no seio familiar os desafetos do passado e transformamos nossos sentimentos inferiores tornando-nos melhores. Existe o prazer? Sim, pois Deus só poderia coroar o encontro entre dois seres que se amam de forma tão sublime, como o ato sexual, com vibrações de muito amor, muita energia espiritual - a energia criadora.

- Mas, infelizmente o homem a deturpou, não é, Sinhá?

- Pela nossa própria ignorância, tratamos o sexo como uma criança que recebe um maravilhoso e caro presente de Deus e estraga seu melhor objetivo - refletiu D. Tonica.

- E por que Deus não dá este presente só para aqueles que saberiam usá-lo? - perguntou a menina do nariz arrebitado.

- Porque ele é um Pai Amoroso, sábio, justo e bom. Deus dá as oportunidades de evolução iguais para todos os seus filhos. É errando que aprendemos. Um dia a humanidade vai descobrir a seriedade do sexo e com certeza não será mais usado desequilibradamente. A energia sexual criadora é poderosa e quando o homem descobrir seu real valor, saberá canalizá-la para o bem. Enquanto isto não acontece, muitas crianças nascem sem os pais por perto, são deixadas em asilos e outras perdem suas vidas pelo descaso humano.

- Eu quero ter uma bela família! - disse Pedrinho.

- Eu também! - grita logo atrás Narizinho.

- Que Deus os abençoe, meus netos, e que logo, logo eu possa segurar no colo vários bisnetos! - sorriu D. Benta.

- Sinhá, mas dizem lá na Bíblia Sagrada que a mulher começou a parir com dor depois que Eva desobedeceu ao Senhor no Paraíso e comeu a maçã! - interpelou Nastácia.

- Muito bem lembrado! A Bíblia é cheia de simbolismos e esta passagem não deixa de ser mais um. Realmente, as "dores" relativas ao parto, ou problemas físicos, especificamente femininos, tiveram seu começo com os desequilíbrios do sexo. Sempre que acontece o abuso ou o exagero, termina em dor e sofrimento. Quando remamos contra as leis divinas sofremos. Só assim percebemos que erramos e procuramos outros rumos, tentando retomar a correnteza que nos levará a caminhos mais seguros e corretos.

- A lei divina nunca falha e não está escrita em lugar algum. Ela se apresenta dentro de nossas consciências.

Visconde que se mantivera calado argumentou:

- Esta lei é seriíssima, D. Benta! Também, pudera, graças a ela os homens tornam-se co-criadores ao lado de Deus na natureza. Ela é mesmo maravilhosa e aquele que dela abusar, com certeza sentir-se-á punido!

- Esta é uma frase correta, Visconde, pois Deus nunca nos pune. Realmente, nós nos sentimos punidos quando nos afastamos de suas perfeitas leis - concluiu D. Benta.

- Ei, crianças! Observem que o nosso bebê está se levantando - gritou Barnabé.

- Interessante, não é, vovó? Olha que coisa mais linda! As perninhas ainda trêmulas, mas já consegue ficar de pé. Como os animais são independentes logo ao nascer! - disse Narizinho enternecida.

- Parece até que são mais inteligentes do que os homens - murmurou Emília - pois sabem se virar muito bem. Procuram a mãe e vão logo mamando, sem precisar de ninguém para ensinar.

- Sim, mas os bebês também! Eles bem novinhos, de olhos ainda fechados procuram a mama da mãe para se alimentarem - explicou Nastácia.

- Mas, por que os animais já logo no dia em que nascem saem andando e os homens não? Pelo que eu sei, só lá pelos doze meses em geral que uma criança começa a andar. Comer sozinho, então, vai tempo nisso! - exclamou Pedrinho. Os potrinhos também já andam no primeiro dia de vida, mesmo cambaleando, mas não pedem ajuda.

- Muito bem observado! - disse D. Benta. Vocês repararam também que a infância dos animais é bem mais curta? Um cachorro, por exemplo, no seu primeiro ano de vida já é um adulto.

- É mesmo, vovó! - espantou-se Narizinho. Como pode ser isto? O homem não é o animal racional mais inteligente do planeta?

- Sim, por isso mesmo que sua infância é mais longa e sua vida também. Kardec faz a pergunta aos espíritos sobre a necessidade da infância e eles respondem mais ou menos assim: "O homem tem necessidade do esquecimento do passado e a infância com tanta dependência lhe dá ares de inocência, sensibilizando e responsabilizando os pais. Portanto, aí está o valor da educação, orientação e acompanhamento responsável desta criança que, enquanto está nesta fase é mais maleável aos nossos ensinamentos capazes

de modificar-lhe as más tendências que trás de tempos remotos. Esta é a grande chance da educação, pois quando chega a adolescência, os pendores antigos começam a despontar na consciência e o comportamento já não é mais o mesmo. Nesta fase, o espírito encarnado retoma traços de sua personalidade anterior.

- Então não vai adiantar nada a nova educação, Sinhá!

- Não é bem assim, minha negra! O adolescente geralmente se rebela com a geração adulta e com os valores aprendidos, entrando em conflitos interiores. Mas, seu espírito já não é mais o mesmo, pois às suas tendências antigas, soma-se a nova educação e, desta briga, nascerá uma nova pessoa e, geralmente bem melhorada.

- Mas, e aquelas crianças que são maltratadas pelos pais ou até abandonadas? - perguntou Pedrinho.

- Aí é que estava a chance de sua melhoria e perderam, Sinhá!

D. Benta respira fundo, como a ordenar os pensamentos e retoma a palavra:

- Este é um dos assuntos mais sérios deste planeta: o menor abandonado! Mas, não pensem que existam crianças abandonadas somente nas ruas, não! Há crianças abandonadas dentro de palacetes! Seja qual for o motivo, estas crianças realmente estarão perdendo parte da chance de adquirir novos valores pela educação. Mas, não se esqueçam de que Deus é Pai e não nos abandona. Muitas vezes, faz parte do "currículo espiritual" daquele espírito esta prova. Nós apenas vemos com os olhos da carne a realidade que se estampa à nossa frente, mas a espiritualidade maior tem a visão de eternidade e da ficha espiritual de cada um.

- Mas, isto não impede que façamos algo pelo menor abandonado, não é, Sinhá? Falou Barnabé. A sociedade precisa se responsabilizar, pois isto é fruto da própria imaturidade e irresponsabilidade do ser humano!

- Se cada um de nós tiver esta visão e tomar alguma providência neste sentido, não faremos nada mais que a nossa obrigação de seres humanos responsáveis por seus irmãos - concluiu D. Tónica.

- Bom, Sinhá, vamos então entrar e brindar ao nascimento do nosso Malhadinho, pois o café já esfriou - sorriu Nastácia.

## CAPÍTULO 9 - ERVAS MEDICINAIS

Naquela tarde de verão o sol parecia mais ameno. O cheiro da terra molhada pela chuva passageira enchia o ar, unindo-se à suave brisa que soprava e leve garoa ainda vertia por entre os raios de sol, formando lindo arco-íris. Na varanda, D. Benta ora lia, ora tricotava ou conversava assuntos amenos com D. Tonica. Emília, já cansada de caminhar de um lado a outro, resolve ir até o galinheiro com Narizinho em busca de ovos. Barnabé sorri e diz:

- Nem adianta, boneca, pois em dia de chuva aqui no sítio, dificilmente as galinhas botam. Elas preferem o sol quente.

- Mas, que massada! Não há nada para se fazer hoje! - reclamou Emília, guardando a cesta de ovos.

- Que tal passearmos pelo pomar? A chuva já passou e poderemos observar a natureza. Quando é que vamos fazer nossas inspeções ecológicas, senhora Marquesa de Rabicó? - perguntou Pedrinho.

- Boa idéia - disse Barnabé. Estou mesmo precisando de algumas ervas para os meus chás caseiros.

- E o senhor entende de ervas, Tio Barnabé? - indagou o menino curioso.

- Alguma coisa a gente conhece, Pedrinho. Vamos lá.

E lá se foram cantarolando. Na estrada do pomar, bem junto à cerca, estavam belos eucaliptos de um lado e os cedrinhos do outro. O aroma das folhas enchia o ar com o frescor da chuva. Barnabé puxa uns galhos de eucalipto e explica:

- Estas folhas aqui, sempre que preciso "abrir o peito" para respirar melhor, eu faço uso. É só a gente ferventar e aspirar o bafo, mas depois não se pode tomar friagem.

- O cheiro é muito bom! Lá na cidade vendem o óleo de eucalipto que serve para isto mesmo. Coloca-se na água fervente e aspira-se o vapor quando se está resfriado.

- Ah! Esta aqui eu conheço - disse Narizinho - pegando uma folhinha e levando até o nariz. Isto só pode ser hortelã.

- Isto mesmo. Usamos para chás. É uma erva refrescante para o estomago. Abre o apetite das crianças, combate os vermes e serve até para amigdalite - explicou Barnabé. Mas, eu preciso mesmo é de umas cascas de ipê roxo para combater o ácido úrico. Vejam como estão minhas mãos e a sola dos pés descascando. Isto é tiro e queda. Bebo o chá e escaldo os pés e as mãos também. Vejam, esta aqui é arnica. Coloco no álcool de cereais e faço uma tintura. Quando levo alguma batida no corpo enquanto trabalho, é só passar arnica que tira toda a dor.

- Que sabedoria! Parece até um velho pajé de tribo indígena, Tio Barnabé - falou Pedrinho sorrindo.

- Vejam este matinho à toa aqui, é o dente de leão. Saibam que é forte como o nome. Do cabinho da sua flor, fazendo um chá, serve como colírio para olhos infeccionados. E cura mesmo! - continuou Barnabé. Serve também para alergias, abrir apetite, azia, tratar doenças do baço, cólicas dos rins e até para depurar o sangue.

- E o que é depurar o sangue? - perguntou Emília.

- É limpar as impurezas. As ervas conseguem fazer uma bela "faxina" no sangue. Existem outras como: bambu, pata de vaca, carobinha, picão, malva...

- E qual é o seu interesse se bonecas não tem sangue? - falou Pedrinho.

- Ora, seu moleque malcriado, é pelo gosto de aprender, ouviu? - respondeu Emília toda arrepiada.

- Sabiam que existem até as plantas antibióticas?

- E quais são? Nós temos por aqui? A conversa está tão interessante que estou querendo chamar vovó - disse Narizinho.

- Deixa pra lá, minha menina. D. Benta não há de querer vir amassar barro a esta hora e sujar a barra das saias. Nós temos algumas ervas antibióticas sim: bananeira, manga, goiaba, eucalipto, babosa e até este matinho aqui que é bem poderoso: a tansagem.

- Eu só tinha ouvido falar de ervas boas para eliminar os vermes dos intestinos - disse Pedrinho.

- Sim, em geral são as amargas, boas para o aparelho digestivo como: cordão de frade, erva de Santa Maria ou mastruz, fedegoso e tantas outras.

Narizinho observa o chão por todos os lados e chegando próximo a um pé de abóbora que se espalhava robusto por ali, exclamou:

- Eu me lembrei! Lá na escola ensinaram que comer as sementes de abóbora é bom para eliminar a solitária, que é um verme bem perigoso, não é, Tio Barnabé?

- Sim, é verdade temos também uma erva, cujas folhas se parecem com a figura da solitária. Dizem que ela também é poderosa. Toma-se o chá destas folhas ou a sua tintura. A natureza é sábia. Estes matinhos tão resistentes que nascem em qualquer lugar, em qualquer trinca do chão, adaptam-se a quaisquer condições e sobrevivem. Estas plantas passam para nós as suas qualidades e melhoram a nossa imunidade.

- Interessante! Nunca havia pensado nisto - resmungou o Visconde de Sabugosa que surgiu pé ante pé para não atolar no barro. A ciência ainda precisa pesquisar muito a nossa biodiversidade de espécies nativas aqui no Brasil.

- Opa! Já chegou o sábio falando difícil - gritou Emília. Você disse a nossa bio... o quê?

- Biodiversidade, Emília! Bio quer dizer vida e diversidade - formas diversas, portanto, temos espécies muito variadas de plantas que nunca foram pesquisadas. Enquanto se gasta tanto em materiais e medicamentos de laboratório, a natureza está aí e com certeza em seu reservatório inesgotável, mantém um manancial curativo desconhecido. Com certeza, na natureza encontraremos a cura para todos os males que assolam o planeta. A sabedoria divina não nos deixará a sós, com nossas mazelas físicas, sem oferecer as soluções. Bastará o homem pesquisar e encontrará as respostas desejadas.

- Mas, que explanação gloriosa! - exclamou Tio Barnabé. Nosso pequeno sábio está esbanjando sabedoria. Falou pouco e disse todo o necessário! Parabéns, Visconde.

- E este capim cheiroso que Tia Nastácia usa para o chá, como se chama? - perguntou a menina.



- Ah! Este é o capim santo. É muito bom para acalmar os nervos e melhorar a digestão. Vocês estão vendo esta árvore grande, o pé de jatobá? Tudo nele é aproveitado. O miolo esverdeado da fruta madura mistura-se com mel e vinho branco, cuja batida transforma-se em poderoso xarope para tosses em geral. As folhas do guaco também fervidas com bastante açúcar formam um melaço que acalma a tosse.

- Estou vendo que temos um ótimo curandeiro aqui no sítio! Um verdadeiro pajé das ervas, hein, Tio Barnabé! - falou Pedrinho.

De repente ouvem Tia Nastácia chamando:

- Crianças, venham! Já passou da hora do lanche!

## CAPÍTULO 10 - O ANIVERSÁRIO DE TIA NASTÁCIA

Como sempre, o dia amanheceu lindo no Sítio do Pica-pau Amarelo. Talvez porque fosse um dia especial, havia um certo brilho no ar. D. Benta levantou-se cantarolando músicas sertanejas. Barnabé acompanhava com um assobio maroto. Emília chegou de mansinho e perguntou:

- Ora, onde é a festa? O que há de novo por aqui?

Narizinho chegou sorrateira e olhou para um lado, olhou para o outro e, pé ante pé, leva um embrulho todo dourado, colocando-o sobre o fogão de lenha.

- Ah! Já sei - disse Emília. Hoje é o dia da Gata Borracheira? Não sabia que tinha este dia na folhinha!

- Que nada, Emília - falou o Visconde colocando o dedo na boca em sinal de silêncio. Mais respeito, pois hoje é o aniversário da Tia Nastácia.

- Olhe que quem vai cozinhar hoje pode ser você, sua boneca enxerida! - gralhou Pedrinho.

Rabicó que passava pela cozinha, olhou de soslaio e saiu em desabalada correria.

- Hoje ninguém me pega! Do jeito que aquela negra gostaria de me ver arder na panela, poderá até me pedir de presente de aniversário para o almoço.

- Calma, Rabicó! - disse D. Benta. A Tonica já está providenciando a festa de aniversário e você está de fora.

O leitão, todo desajeitado, vem chegando e grunhiu:

- Então vou providenciar o meu presente e acho que todos deveriam fazer o mesmo.

O café foi rápido e cada um saiu para um lado. Nastácia, que havia se demorado no galinheiro colhendo os ovos, resmungou desanimada:

- Uai! O que será que deu no povo? Todo mundo sumiu daqui! Bem, pelo jeito, ninguém se lembrou do meu aniversário. Também, negra velha já não se dá mais ao luxo de fazer aniversário!

Deu um longo suspiro e foi para a arrumação da despensa. Lá fora, porém, todos se reuniram para discutir sobre a festa surpresa e os presentes para Tia Nastácia. Emília disse:

- Cada um que pense no seu. Eu acho que presente tem que ser algo muito significativo para quem dá e para quem recebe.

- Vejam só! A boneca deu para filosofar! Muito bem, Emília, concordo com você - falou Barnabé.

Assim passaram o dia de cochichos pra cá e cochichos pra lá. Nastácia curtiu uma magoazinha no peito, achando-se esquecida. D. Tonica foi até a fazenda do seu Breca, levando os ingredientes para o preparo da singela festinha. Narizinho, D. Benta e Emília enrolaram os docinhos. D. Tonica fez o bolo e as balas de coco, dizendo:

- Vamos ver, todo mundo assobiando para enrolar os doces e as balas, senão teremos só os papéis na hora da festa!

Até D. Benta resolveu assobiar suas canções. Barnabé saiu a pescar e reservou o melhor peixe para presentear Nastácia. Visconde procurou em sua biblioteca

importante livro sobre as "Ervas que curam" e fez um belo pacote, arrematando com um laço de palha de milho. D. Benta costurou um novo e colorido vestido para Nastácia. D. Tonica foi à venda na vila e escolheu deliciosa loção de banho para presentear-lá. Pedrinho passou a tarde construindo uma miniatura de fogão à lenha feito em madeira de jabuticabeira. Narizinho desenhou belo motivo de flores e pintou um lenço para a velha Tia. Emília embrulhou uma caixa, mas não deixou que ninguém visse sua surpresa.

A noite chega e, juntos, voltam para casa, levando consigo os convidados: seu Breca, sua esposa, filho, mais o Negro Zé. Quando chegam, vêem Nastácia sentada na soleira da varanda toda encolhida. Ao vê-los, levanta-se sobressaltada. A turma toda faz uma roda ao seu redor e começam a cantar o tradicional parabéns. Nastácia emociona-se e nem sabe o que fazer com as mãos. Coloca-as para frente, para trás e segura o avental toda sem jeito. Cada um dá o seu abraço amigo, entregando-lhe um mimo. Nastácia sorri muito feliz. D. Benta convida a todos para entrar e logo D. Tonica e as crianças preparam a mesa cheia de guloseimas.

- Hoje você é a homenageada, Nastácia. Sente-se e espere ser servida! - disse D. Benta.

A alegria impera na casa e a conversação animada se mistura ao saborear tantos doces e brejeirices da cozinha sertaneja. Narizinho fez a pergunta intrigada:

- Porque festejamos tanto a data de aniversário, vovó?

- É considerado o dia mais importante de nossas vidas, pois comemoramos o momento em que viemos ao mundo. É o dia da nossa reencarnação.

- Devemos agradecer a Deus neste dia, a oportunidade que nos concedeu em haveremos nascido. Deve ser um dia de muita felicidade interior por este motivo - explicou D. Tonica.

- Eu fico muito feliz no meu aniversário e durante o ano, fico fazendo planos de como passarei este dia tão feliz!

- Pois é, e tem gente que não liga para aniversário e se esquece de agradecer a Deus. Há até quem maldiz o dia em que nasceu! - completou Barnabé.

- E também aqueles que só querem ser lembrados neste dia e ficam "jururu" se as pessoas esquecem! - apimentou a boneca. Isto é bem a cara do ser humano que se acha merecedor de todas as honras.

- Estes, garanto que vivem se esquecendo do aniversário dos outros, não é, vovó? - disse Pedrinho.

Visconde, que se mantivera calado observando dá seu arremate de filósofo:

- Vejamos: todos queremos ser lembrados e amados. Isto é uma necessidade básica do ser humano. Mas, aquele que já está cristianizado, verdadeiramente evangelizado, basta a si mesmo. Contenta-se com a própria alegria interior e não fica esperando que outros o venham louvar. Muito pelo contrário, é aquele que sempre se preocupa em dar alegria a todos e valoriza-los em detrimento de si mesmo.

- Gostei desta sua conclusão, Visconde - analisou D. Benta. Tem alguém muito importante na história da humanidade que compôs magnífica oração em que diz: ...

"Senhor, fazei com que queiramos mais consolar do que ser consolados; mais compreender do que sermos compreendidos; mais amar do que sermos amados, pois é dando que recebemos ... "

- Já sei - gritou Narizinho. É Francisco de Assis, não é, vovó?

D. Benta abre um largo sorriso e abraça a neta em sinal de aprovação. O aniversário de Nastácia foi coroado pelo carinho de todos, na demonstração de reconhecimento e amor que nutriam por ela.

## CAPÍTULO 11 - IGUALDADES X DESIGUALDADES

Naquela noite todos se reuniram mais cedo ao redor de D. Benta. Era o momento do serão tão esperado.

D. Benta calmamente ajeita-se na cadeira de balanço e a turminha esparrama-se pelo chão nas almofadas. Nastácia senta-se a seu lado junto com Barnabé e D. Tonica.

- Qual será o tema de hoje? -perguntou D. Benta.

- Bem, vejamos... resmungou Emília.

- Eu gostaria de discutir as relações de igualdade e desigualdade que existem no mundo — disse Narizinho.

- Boa idéia, Narizinho - respondeu Emília. Que tal se falar da igualdade entre homens e mulheres? Não sei por que os homens sempre levam vantagens neste mundo!

- Lá vem ela! - reclamou Pedrinho - mas, desta vez creio que Emília tem uma certa razão!

A boneca sorri de felicidade, pois era muito raro quando Pedrinho concordava com ela.

- Bem - explicou D. Benta - na história da humanidade o homem sempre teve seu lugar de destaque, principalmente no poder, em detrimento da mulher que sempre lhe foi submissa.

- Mas não houve um tempo em que aconteceu a revolta das mulheres, o chamado "feminismo"? - perguntou Emília.

- Com certeza! - respondeu D. Benta - e a partir de então a mulher começou a conquistar seu espaço na sociedade.

- Começou a votar, a trabalhar em profissões que só os homens tinham acesso... - observou D. Tonica.

- Mas ainda existem sociedades em que a mulher não tem esta liberdade. Isto acontece nos países muçulmanos, orientais, na Índia, Arábia, mais especificamente no Oriente Médio.

- E por quê? - indagou a menina.

- Porque a cultura de certos povos é muito rígida em seus padrões morais e religiosos - disse D. Tonica.

- Vocês sabiam que o espírito não tem sexo? Esta afirmativa está na pergunta nº 200 do Livro dos Espíritos - disse Visconde.

- Ora, vejam como nosso sábio já andou lendo as Obras Básicas da Doutrina Espírita! Muito bem, Visconde - falou D. Benta.

- Portanto - continuou Visconde - de qualquer maneira, os homens experimentarão o que a mulher sofre quando reencarnarem num corpo de mulher!

- Ótima conclusão, Visconde - explicou D. Tonica - só assim é que lutarão pelos mesmos direitos e igualdade. Para Deus, nosso Pai, somos todos iguais, estejamos usando um corpo feminino ou masculino.

- Bem, Sinhá, mas a questão da igualdade não diz respeito só à igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, não é? -perguntou Barnabé.

- Qual outro ponto você gostaria de comentar? -observou D. Benta.

- Eu diria que todos os preconceitos em vigor na nossa sociedade podem entrar aqui em discussão. Por exemplo, o preconceito de cor. Eu sou negro e muito me orgulho disso, mas o negro como a mulher, infelizmente são discriminados.

D. Benta ajeita os óculos como se focalizasse o tema com os olhos e respondeu:

- Não resta dúvida que a cor sempre foi motivo de discriminação, inclusive quando se usa termos assim: Ele é um negro de alma branca! A palavra negro, preto, já é associada a coisas negativas. Por isso hoje existem associações que defendem a raça negra, com unhas e dentes.

- E não é para menos, vovó! Já pensou se o branco por um só dia passasse pela experiência do negro, garanto que de imediato mudaria de idéia a respeito - comentou Pedrinho.

D. Tonica chega à sala com a bandeja cheia de refrescos e é recebida com palmas. -Veja bem, meu filho - disse D. Tonica - para isto também temos remédio. Deus nosso Pai é justo, amoroso e sábio, portanto, para termos completa educação do nosso espírito, passamos não só um dia "na pele"do outro. Se necessário, passaremos uma encarnação inteira!

- Se formos analisar a história, veremos que também aqui no Brasil o negro já foi escravo. Todos os países que optaram pelo regime de escravidão de seus irmãos, geralmente aprisionados de outras nações, já sofreram a lei de ação e reação, pois um dia fomos algozes e em outra vida passamos por vítimas - completou D. Benta.

Emília, pensativa e de olhos apertados, parecia estar "espremendo" suas idéias. Logo exclamou:

- Estou gostando muito desta Lei de Ação e Reação. No final das contas: bateu, levou!

- A Lei de Ação e Reação permeia todas as nossas atitudes, palavras e pensamentos, minha boneca, mas precisamos cuidado na sua interpretação, para que não regridamos à "Pena de Talião" - explicou D. Benta.

- E o que é isto, vovó? - perguntou Narizinho, intrigada.

-Isto é do tempo de Moisés - observou Visconde. É o famoso "olho por olho, dente por dente".

- Mas é bem assim que eu gosto, - disse Emília - a justiça tem que ser feita!

- Não seja tão justiceira assim, D. Emília - exclamou Pedrinho. Olhe que o tiro pode sair pela culatra! Ainda mais você que ainda gosta de ter de vez em quando um "escravo besourinho" à sua disposição!...

- Lá vem ele de novo, D. Benta. Eu não posso me deliciar com nada! - retrucou Emília.

D. Benta olhou ternamente para a boneca, procurando conquistar seu coraçãozinho alterado.

- Veja bem, minha boneca, se formos julgar tudo a ferro e fogo, corremos realmente o risco de sermos assim julgados. A justiça, como se diz: a Deus pertence. Esta questão da reencarnação vista como um "Karma" negativo deturpa os princípios da Doutrina Espírita.

- Sim, vovó, minha coleguinha da escola me disse que não quer ser espírita nunca, pois sua mãe diz que na outra encarnação ela virá pagar seus pecados e malcriações com muito sofrimento - disse Narizinho.

- Infelizmente, minha filha, esta é uma visão deturpada que muitos fazem sobre o verdadeiro objetivo da reencarnação, que é o progresso do espírito. Muitos espíritas interpretam desta forma a Lei de Causa e Efeito e parecem carregar pesado fardo pela vida afora, pois se foram maus no passado, crêem que devem sofrer no presente.

- Mas não tem uma forma de pagar nossas dívidas com Deus de forma mais suave, Sinhá? - perguntou Nastácia.

- Não resta dúvida, minha negra! Deus, acima de tudo é Pai e não dá pedra ao filho que lhe pede pão! Por isso temos nosso livre arbítrio. Somos donos do nosso nariz! Podemos escolher nossas experiências, desde que condigam com as leis Divinas. Se aqui na Terra os credores muitas vezes perdoam as dívidas ou parcelam em suaves prestações, como é que Deus, que é Sabedoria e Amor não encontraria soluções melhores? Realmente, sofreremos quando optamos por sofrer. Se quisermos trabalhar em benefício do próximo, da coletividade esta é uma boa maneira para saldarmos as chamadas "dívidas do passado".

- Gostei - disse Pedrinho. Agora vejo esta lei com mais lógica.

- Os médiuns não fazem este papel, D. Benta? -perguntou Barnabé.

- Muito bem lembrado! Com sua grande sensibilidade, experimentam os sofrimentos dos espíritos que conseguem levar até os Centros Espíritas para que sejam tratados e encaminhados - respondeu D. Benta.

- Mas também dão passes, aliviam as pessoas das energias negativas e da influência dos seus obsessores, não é, vovó? - disse Pedrinho com ares de bem entendido no assunto.

- Vocês lembram-se do Negro Zé? Ele curou Tia Nastácia - observou Visconde. Ele também é um tipo de médium assim?

- Existem pessoas como ele que de maneira natural usam sua sensibilidade para beneficiar as pessoas. Este é um trabalho voluntário pela vida toda. Assim, com sua boa vontade em ajudar, melhora o próximo e a si mesmo.

- Muito interessante a questão da mediunidade sendo vista por este prisma - comentou Visconde.

Nastácia deu um grande bocejo e espreguiçou-se na cadeira de balanço.

- Bem, Sinhá, o assunto está bom demais, mas já é bem tarde. Amanhã acordo cedo para providenciar o café...

- Nastácia tem razão - disse D. Benta. Amanhã continuaremos nossa conversa, pois tanta informação de uma só vez pode até confundir. Vamos já para a cama, minha gente!

## CAPÍTULO 12 - OS TESOUROS DA EMÍLIA

Emília amanhecera enfurecida. Não conseguia encontrar sua caixinha de trecos. Andava de lado a outro aflita procurando sem parar.

- Ah! - pensava — alguém só pode ter pego e escondido. Mas, quem faria isto comigo? Quem se atreveria?

Logo surge D. Benta que a observava em silêncio e vai logo dizendo:

- O que se passa Emília? Qual o grande problema que aflige a minha querida boneca?

- Ora, D. Benta, a minha caixinha de trecos sumiu e não consigo achá-la!

- O que havia lá de tão importante? — perguntou D. Benta.

- Simplesmente, todos os meus pequenos tesouros. Está tudo perdido! - disse Emília com voz de choro.

- Vamos lá, acalme-se! Nastácia! Nastácia! Venha cá - chamou D. Benta.

A negra vem devagar, ouvindo-se o arrastar pesado dos chinelos e farfalhar das grandes saias.

- Qual o motivo de tanta agitação? -perguntou Nastácia toda esbaforida.

- É Emília, Nastácia. Por acaso você pode nos dar alguma notícia da sua caixinha de tesouros, como ela diz? -resmungou D. Benta.

- Bem, andei fazendo arrumação na despensa e o que julguei não ter serventia coloquei no lixo lá fora.

- Ai! - murmurou a boneca franzindo a testa. Lá se foram meus ricos tesourinhos.

Emília sai em desabalada correria pelo quintal afora.

— Rabicó! Rabicó! Você viu minha caixinha de tesouros? Tia Nastácia deve ter jogado no lixo e você sempre ataca o lixo para comer!

- Não vi não, Emília. Mas, o que havia ali de tão valioso para causar tanto espalhafato? -perguntou Rabicó.

- Além de tesouros, são meus segredos que só a mim pertencem! - disse a boneca fazendo beicinho para chorar.

Narizinho vem chegando com Pedrinho e Visconde, quando pegam o final da cena.

- Ora, Emília! Lá vem você com suas bobagens. Garanto que só deveria ter nesta caixa alguns bolinhos de minhoca, uns besouros prisioneiros, um carretel de linha, umas sementes de abóbora e coisas assim!... - balbuciou Pedrinho sorrindo maroto.

- Ah! Então foi você o ladrão de tesouros! Eu bem que desconfiava de um dedo de gato nesta situação e não um simples acidente de limpeza na despensa! - vociferou Emília enfurecida. Agora vamos levar o caso à D. Benta. Quero justiça!

Lá vão em disparada até a varanda, onde D. Benta lia tranqüila.

- D. Benta, quero que justiça seja feita! O Pedrinho sabe dos meus tesouros e com certeza deu sumiço neles! - berrou a boneca no auge da agitação.

- Vocês dois de novo! Quando isto terá um fim? -comentou D. Benta.

-Quando o Pedrinho os devolver, com toda certeza! -respondeu Emília. Quero justiça! Que a justiça seja feita!



- Meu filho - disse D. Benta - você realmente mexeu nas coisas da Emília?  
- Não, vovó. Eu apenas procurava umas coisas na despensa. Subi para pegá-las na última prateleira do armário e a tal caixinha de tesouros desabou sobre minha cabeça vindo ao chão.

- Oh! Meu Deus! Meus tesouros quebrados e espalhados pelo chão!

- exclamou indignada a boneca.

- Foi sem querer, vovó! Eu juro!

- E onde se encontra a dita cuja? - perguntou Nastácia com as mãos na cintura - pois até eu acabei levando a culpa nesta história.

- Eu embrulhei num lenço e guardei no mesmo lugar — respondeu Pedrinho aborrecido.

Emília, sem conter-se, correu em busca do seu achado. Voltou sorrindo com o embrulho nas mãos.

- Ah! Aqui estão meus tesouros! Obrigada Pedrinho, por guardá-los tão bem. Estão inteirinhos. Leva o embrulho aos lábios e o beija sem parar.

- Muito bem! Arre que tivemos um final feliz — completou Narizinho.

- Mas, vamos fazer uma boa reflexão sobre este assunto, D. Emília - disse D. Benta. A justiça já foi feita, pois Pedrinho se retratou e agiu muito bem. Aqui podemos observar que nunca devemos fazer julgamentos antecipados sobre o comportamento das pessoas, nem levantar falso testemunho.

- O que é isto, vovó? - perguntou Narizinho.

- É muito comum, minha filha, quando se perde algum objeto de estimação ou de valor, levantar-se suspeitas a respeito de alguém. Estabelecem-se neste momento sintonias negativas de desconfiança que podem levar a inimizades.

- Concordo, D. Benta — disse Visconde.

- Fique sabendo, D. Emília, que aqui nesta casa nunca se deu sumiço a qualquer coisa de quem quer que seja, por mais absurdo ou insignificante o objeto em questão. O respeito é levado a sério, bem como os direitos de todos, ou não me chamo Benta Encerrabodes de Oliveira!

- Poxa! Não precisa ficar tão brava D. Benta, pois já está tudo resolvido - resmungou Emília fazendo beicinho.

D. Benta anda de um lado a outro e pisca um olho para Tia Nastácia.

- Sim. Mas, e se Pedrinho não tivesse encontrado seu "tesouro"? A esta altura você já teria posto fogo na casa, não é Emília? O seu costume é bem este: tirar todo mundo fora do sério! Para tudo existe limites e agora chegou a hora. Guarde muito bem suas coisas lá no quarto de Narizinho para que isto não se repita.

- Mas, eu havia escondido num lugar onde julguei que ninguém colocaria as mãos — justificou a boneca.

- Bem, chega de tagarelices e me obedeça. Se há uma coisa que eu zelo nesta casa é a justiça no relacionamento entre todos.

- Ora vovó, não se zangue tanto — contemporizou Narizinho. O Pedrinho nem levou o caso a sério e muito menos Tia Nastácia pouco está ligando às asneiras

da Emília. Concordo com a justiça, mas seu amor também é grande, maior até que seu coração. Faça uma caridade, vovó e perdoe a Emília. Sua cabecinha de macela é muito fraca!

- Está bem, minha filha! Mas discordo, pois de fraca ela não tem nada. Sabe ser dura e turrona esta cabecinha!

Pedrinho não sabia se ria da cara de espanto da Emília ou se confortava D. Benta acalmando os ânimos. Daí teve uma brilhante idéia.

- Vovó, acho que sem querer falamos e vivenciamos uma importante Lei Divina - a Lei da Justiça, Amor e Caridade. O que acham?

- Você tem razão, Pedrinho - concordou Visconde. Esta é a principal lei, pois abrange todas as outras, sendo a mais completa.

- Vejam só - disse D. Benta - nosso sábio já andou pesquisando o Livro dos Espíritos! Muito bem, meu neto! Boa esta sua observação. Precisamos observar quando estão sendo oferecidas oportunidades de vivenciar as leis divinas. Eu já estava pondo a perder a oportunidade de praticá-las, devido a inquietação a que me expus diante da situação. Precisamos nos vigiar mais, o homem chega a ser insensato, pois quando "compra uma briga" achando que vai lutar pela justiça, poderá acabar cometendo outras injustiças.

- Sinhá, mas é só isto que se vê por aí hoje em dia - comentou Barnabé. Basta assistir ao noticiário da televisão. Porque a guerra não acaba nunca neste mundo de meu Deus? É por isso mesmo! Alguém comete um ato de afronta, mesmo acreditando que seja em nome de Deus ou dos seus conceitos religiosos e o que acontece? O ofendido toma a retaliação na defensiva em nome do seu outro Deus, como se este não fosse o mesmo. Não é por isso que a briga no Oriente Médio nunca tem fim?

- Ah! Meu velho, nem me diga! O pior é que em nome da justiça ou defesa dos povos, outras nações se julgam no direito de tomar as dores e novos atritos acontecem. E a guerra continua... em nome de Deus, de Alah, da Democracia. A violência e a fome, a viuvez e a orfandade!...

- Isto sim é que é maldade, Sinhá - resmungou Tia Nastácia. Deixa pra lá as besteiras da boneca. Dali, o máximo que pode sair é malcriação e das boas!

- Mas não podemos nos esquecer de que malcriações tem limites, Nastácia. Veja, se todas as famílias observassem na educação de seus filhos a questão do amor, mas um amor mais exigente, onde os limites e os valores tem um lugar de destaque, com certeza não se teria mais guerras neste mundo.

- Não é só, Sinhá! - complementou Barnabé - quando as pessoas realmente tiverem a verdadeira consciência de que Deus é um só para todos, de que é um Pai verdadeiramente sábio, Justo e bom!

- Sim! E se ele é um Pai para todos, todos somos irmãos e irmãos não guerreiam. Bem, só brigam de vez em quando, não é Pedrinho? - disse a boneca sorrindo e fazendo um olhar maroto.

- Gostei da conclusão, Emília. Creio que valeu a pena nossa reflexão - terminou D. Benta.



## CAPITULO 13 - HUMILDADE

O amanhecer no sítio realmente é algo de especial. Aquele cheiro de terra molhada de orvalho, o aroma das flores do campo, dos eucaliptos beirando a estrada!

Pelos olhos vislumbramos outras maravilhas, incluindo o alvorecer em tons ora rosados, ora lilás ou tons vibrantes como o laranja e dourado. Pelos ouvidos, o cantar dos pássaros com alegres gorjeios, sobrevoando a mata e cruzando a aurora nascente. Devagarinho o movimento começa com os mugidos do gado que se ouve ao longe, chegando ao curral.

Nastácia aquece o fogão colocando pequenos gravetos de lenha. Barnabé se encaminha ao curral para o trabalho diário da ordenha.

Poderia dizer-se que este era um dia especial e, por que não, mais um deles, pois no Sítio do Pica Pau Amarelo todos os dias são especiais.

Emília acorda, esfrega os olhos e olha para os lados. Narizinho ainda toda encolhida dorme e ressona. Pedrinho dorme de mãos dadas com Visconde de Sabugosa. A boneca observa e dá risada, pensando lá com seus botões:

- Um tão sabido e o outro tão valentão! Deixa estar que ainda um dia provarei que sou a melhor!

Nesta altura, como se ouvisse seus pensamentos, o menino abre os olhos e exclama:

- Bom dia, Emília! O que a dona espertinha está observando? Tudo isto é inveja desta dupla maravilhosa?

- Ora, Pedrinho! Estava mesmo a pensar aqui com meus botões, que um dia ainda veremos quem é a melhor!

- Meus Deus! Ela já acordou de arma em punho! - retrucou Visconde.

- Deixa pra lá, meu sábio! Emília ainda tem apenas uma biblioteca inteira para ler. Só assim poderá sonhar em ser igual a você, mas melhor, só com duas bibliotecas! Ah! Ah! Ah!

Narizinho boceja e se espreguiça, perguntando:

- O que já acontece por aqui tão cedo? Mal consigo abrir os olhos de sono.

- Como sempre, é a enxerida da sua boneca querendo comprar briga logo cedo - respondeu Pedrinho.

- Ora, não dá bola a ele, Narizinho. Nós duas ainda vamos dar-lhes uma boa lição - resmungou Emília.

D.Benta passa pelo corredor e ouve o final da conversa.

- Bom dia, crianças! O que se passa aqui?

- É a Emília, vovó - replicou Pedrinho.

- Pois bem, pergunto aos dois então: O que acontece?

Narizinho adianta-se e explica a situação:

- Como sempre, vovó, os dois estão se defrontando e medindo forças, apostando em quem sabe mais, quem é o melhor.

- Que coisa feia! Não são nem um pouco modestos - disse D. Benta.

- Acontece, vovó, que a modéstia passou bem longe quando a Emília foi criada. Imagine que ela quer provar que sabe mais e é melhor do que eu e o Visconde de Sabugosa.

- Vejam bem, cada um de nós é criado simples e ignorante e vamos evoluindo aos poucos, desenvolvendo nossas habilidades. O Visconde tem lá a sua queda para as letras, para a ciência. É um sábio e ainda muito estudioso. Não poderemos nunca deixar de reconhecer este potencial já tão desenvolvido - refletiu D. Benta.

Emília até se contorce, esperando os comentários a seu respeito.

D. Benta continuou:

- Porém a maior qualidade do Visconde é a humildade, pois sempre está pesquisando para aprender mais, considerando que ainda sabe muito pouco.

- Esta é a verdadeira postura dos realmente sábios, não é, vovó? - comenta Narizinho.

- Sim, minha filha. Aquele que já se acha o "dono da Verdade", aquele que sabe tudo, este sim ainda tem muito a aprender, pois com a imensidão da Criação Divina, cada vez que aprendemos mais, percebemos que nada sabemos!

- Mas que lorota boba é esta, D. Benta? Bem, por isso é que eu sei mais do que ele, pois se ele cada vez mais estuda e sabe menos... Eu é que não vou me dar ao trabalho de querer estudar tanto - retrucou a boneca.

- Emília, isto soa mais como um verdadeiro sofisma. Lá vem você distorcendo o nosso raciocínio - replicou D. Benta. Não sei quando teremos aqui uma verdadeira exploração da melhor virtude. Creio que estamos longe disso.

- E qual é a melhor virtude, vovó? - perguntou Narizinho.

- A humildade! A virtude dos verdadeiros sábios. A sabedoria não é apenas conhecimento, mas sim, o reconhecimento daquilo que se aprendeu e a sua aplicação em benefício próprio, e da coletividade.

- É quando alguém descobre, por exemplo, o remédio que vai curar uma grave doença? - insistiu a menina.

- Muito bom exemplo, minha filha.

- Mas, então, que este sábio descubra logo um para curar a doença da língua comprida da Emília - zombou o menino.

- Pelo que observo, Pedrinho, hoje aqui não se aprendeu nada sobre humildade, pois a humildade exclui os julgamentos zombeteiros. Vamos terminar por aqui e que isto sirva para reflexão - terminou D. Benta.

## Capítulo 14 - Quem são os espíritos?

Uma avalanche de perguntas baila na cabecinha da criançada. Aquela história de Justiça, Amor e Caridade pegou a Emília em cheio e desta vez D. Benta chegou a zangar-se de fato. Não quis nem saber de "panos quentes". Também, pudera. A boneca tinha ido longe demais.

O dia se passou e as perguntas ainda fervilhavam. Cada um na sua atividade, mas de certa forma inquietos por uma resposta.

Ao cair da noite, com olhares marotos pesquisando o humor de D. Benta, começaram a se achegar ao redor da velha cadeira de balanço.

Pedrinho foi o primeiro a arriscar alguma prosa:

- Vovó, como é, teremos serão hoje?

- Bem, meu filho, só se me prometerem que não haverá nenhum buchicho, nem confrontos entre você e Emília.

- Por mim, posso garantir, mas quanto a ela...

- Não comece, Pedrinho! Esquece que eu existo. Assim ficará melhor.

- Bem, qual o assunto que gostariam de tratar? - perguntou D. Benta.

- Eu, por minha vez, tenho várias dúvidas, D. Benta - comentou Visconde. Gostaria de saber, por exemplo, quem são os espíritos, como são e como vivem? Aliás, onde vivem?

- Antigamente falava-se só em alma penada andando por aí nas fazendas, assustando os bichos, as crianças - retrucou Tia Nastácia.

- Falava-se muito também em Céu, Inferno e Purgatório, que é o lugar onde as almas iriam morar, se fossem boas, ruins ou mais ou menos - disse Barnabé.

- E vocês, o que acham que são os espíritos? - falou D. Benta.

Pedrinho logo se adianta:

- Ora, são os espíritos, ou melhor, as almas dos homens que já morreram, não é?

- Sim, isto nós já sabemos Pedrinho - comentou Narizinho. Mas onde estão?

- Bem, se eram homens, deverão continuar a ser o que eram quando vivos, pois ninguém muda a maneira de ser de repente, não é? Dá o seu aparte a boneca com ares de sabichona.

- Muito bem, Emília! Gostei da conclusão - disse D. Benta.

- Continuo não entendendo - reclamou Visconde. Como os espíritos dos homens continuarão fazendo as mesmas coisas se não estão vivos? Aqui em nosso mundo não são vistos ou sentidos. Apenas os médiuns, os percebem e mesmo assim não é sempre.

- E aí, Sinhá - perguntou Nastácia. Será que eles estão aqui no meio da gente? Não tem um lugar certo para espírito morar?

- Boa pergunta! Existem sim, locais especiais em que só os espíritos têm acesso. O mundo espiritual é infinito. Não podemos imaginar quantas são as moradas na casa do Pai. Existem regiões superiores onde se agrupam espíritos

mais evoluídos e os inferiores não têm acesso. Tudo isto, por questões vibratórias.

- E o que é isto vovó? - inquiriu a menina.

- Para ser mais clara, vou dar um exemplo: as aves têm um tipo de corpo material que as possibilita cruzar os céus, assim como os peixes possuem brânquias para viver só dentro da água.

- Ah! -disse Pedrinho interrompendo: há também as tartarugas, os jacarés e sapos que conseguem viver tanto na Terra como na água.

- Bem lembrado! Esta é uma boa comparação. Há espíritos que conseguem viver em dois planos diferentes, mas vocês nunca ouviram dizer que um réptil conseguiu chegar aos céus - continuou D. Benta.

- Ah! Já estou compreendendo, diz Emília. Há espíritos de corpo mais leve e delicado que vão lá para as "alturas do paraíso" e outros pesados como carapaça de tartaruga que só vivem nas "baixadas" da Terra, não é?

- Nossa Emília está filosofando bem, Sinhá - retrucou -Barnabé.

- E está coberta de razão. A situação é mais ou menos esta. De acordo com a evolução de cada espírito, ele alcança vibrações mais suaves ou mais densas no seu próprio corpo perispiritual.

- E como é mesmo esta história de perispírito? - perguntou Visconde com uma ruga de preocupação na testa.

- Como Kardec pergunta aos Espíritos, eles respondem: que o espírito possui um envoltório material, de matéria menos densa aos nossos olhos de encarnados, mas no mundo espiritual, chegam até não acreditar que estão mortos, muitas vezes, porque este envoltório é tão idêntico ao corpo físico que parece ainda ter vida material.

- Mas ele realmente tem vida, não é? - comentou Pedrinho.

- Sim, só que esta matéria é menos densa, apropriada ao mundo dos espíritos. E têm mais, eles comparam o corpo físico à casca do fruto, o espírito ao fruto e o perispírito como a película que envolve o fruto ou perisperma. Daí, Kardec adaptou à palavra perispírito - explicou D. Benta.

- Quer dizer então que foi Kardec quem batizou o envoltório do espírito de perispírito? - retrucou Emília. E os espíritos deixaram isto barato, numa boa?

- Realmente foi o que aconteceu e até hoje assim é chamado.

- Mas, e as casas dos espíritos, como são? - perguntou a boneca muito curiosa.

- Bem, o Fluído Cósmico Universal é a "matéria mãe" onde tudo se cria e se transforma. A Emília mesmo não disse que os espíritos dos homens continuam fazendo o que faziam na Terra? Lá também existem os engenheiros, médicos, professores, etc., etc.

- E daí? - insistiu a boneca.

- E daí que cada um continua geralmente a sua função, desde que esteja em boas condições emocionais.

- Quer dizer, vovó, que os espíritos constroem casas e cidades como aqui na Terra? - indagou Pedrinho de olhos arregalados.

- Como não? Aqui na Terra temos apenas um arremedo do que se constrói no plano Espiritual. Estamos ainda bem atrasados quanto à tecnologia desenvolvida lá. Só existe uma diferença em nível de textura da matéria. Assim como a matéria do perispírito, que é o nosso corpo espiritual é bem menos densa que a do corpo material, chegando até ser invisível para nós encarnados, a matéria que compõe as construções também o é.

- Por isso mesmo, deve ser mais fácil de ser manipulada, não é D. Benta? - concluiu Visconde com imensa ruga na testa.

- Excelente conclusão, meu sábio. Os especialistas espirituais não necessitam com certeza carregar os tijolos e argamassa. A força do pensamento consegue muitas vezes delinear os contornos.

- Mas, e nos lugares onde ficam os espíritos impuros? -perguntou Emília.

- Bem, impuros todos nós ainda somos, pois não chegamos à perfeição. Os nossos pensamentos por si só constroem formações mentais e até cenários ao nosso redor. Portanto, num agrupamento de espíritos maldosos e infelizes, com certeza seus pensamentos se exteriorizam formando seus ambientes, muitas vezes tenebrosos.

- É aí que se chama de Umbral e trevas, Sinhá? - quis saber Barnabé.

- Sim, outras religiões chegam a nomear de Inferno ou purgatório, mas realmente este é um estado interno do espírito que optou por permanecer em lugares sombrios, ou são atraídos irresistivelmente por seus inimigos ou ainda apenas por sua carga vibratória - explicou D. Benta.

-Nossa vovó! O assunto está ficando muito sério! Chega até a ser assustador - exclamou Narizinho.

- Bem, minha filha, "a cada um será dado segundo suas obras". Esta máxima não falha. Colhemos o que plantamos indiscutivelmente.

- Mas, e se o espírito infeliz se arrepende, Sinhá? - é a vez de Nastácia inquirir.

- Vocês se recordam da parábola do Filho Pródigo?

- Aquele que fugiu da casa do Pai com todo o seu dinheiro e gastou? Depois voltou feito um cachorrinho manso com o rabo entre as pernas, não é? - esclareceu a boneca.

- É esta mesma! Lembra-se de como foi recebido pelo Pai, com festas e muita alegria? Assim é nosso Pai Celestial. Ele nunca abandona um filho que volta a casa e se arrepende. Sempre terá lugar entre os bons para aquele que se arrepende e resolve mudar.

- Ah! Agora estou gostando, vovó! - exclamou Narizinho. Graças a Deus, ninguém vai ficar eternamente num lugar horroroso destes!

- Deus é nosso Pai Amoroso, sábio, justo e bom! Confiemos nele minha filha.

Assim dizendo, D. Benta reúne a todos num grande abraço e dá um beijo de boa noite.





## Capítulo 15 - A Metamorfose

Nastácia caminhava em direção a casa com a cesta repleta de ovos, já imaginando o que fazer com eles para o almoço.

Pedrinho veio ao seu encontro correndo:

-Tia Nastácia, Tia Nastácia, olhe o que encontrei!

Assim dizendo, estendia as mãos e mostrava pequenos ovos, para não dizer minúsculos.

- O que é isto?

- Onde você arranjou? Está me parecendo ovinho de lagartixa.

- Sim, pode ser mesmo, pois tenho visto algumas andando pelas paredes à noite. Elas estavam entre a parede do vitrô e o armário do banheiro.

Emília, toda prosa, vem chegando de mansinho e estica os olhos sobre os ovinhos.

- Que belezura, Pedrinho! Adoro miniaturas. Você pode me dar? Faço coleção.

- Lá vem você de novo com esta mania de coleção, Emília. Estes são ovinhos de verdade e Tia Nastácia acha que são de lagartixa.

- Melhor ainda! - replica a boneca. Não gosto de nada artificial. Comigo é só coleção verdadeira mesmo.

- Mas pode ir tirando seu cavalinho da chuva, D. Emília, que Pedrinho colocará os ovos de novo no lugar. Só assim poderemos saber realmente o que são. Se quiser, ofereço alguns de galinha mesmo, mas é para fazer uma omelete - sorriu Nastácia.

- Bem, se é assim, já não mais interessa. Até logo.

Pedrinho fez o que recomendou Nastácia e foi espalhar a novidade aos outros.

- Vovó, para que servem as lagartixas?

- Ora, meu filho, elas andam pela casa e comem os insetos que nos incomodam tanto. Este é um lado da "cadeia alimentar". Lembra-se?

- Como não, vovó! Estou muito bem lembrado daquele passeio pelo sítio, observando a Ecologia.

Emília, toda espevitada vem entrando, esbarrando no menino de propósito. Desta vez ela exibia algumas folhas de arbusto do jardim cheias de ovinhos.

- Olhem só! Consegui ovinhos menores do que aqueles que Pedrinho encontrou.

Todos vão ao seu encontro para observar, inclusive Visconde e Narizinho.

- Hum, D. Benta, creio que estes são de borboleta - disse o pequeno sábio.

- Oba! Oba! - gritou a boneca. Serei logo a mãe de lindas borboletinhas. Não vejo a hora delas nascerem. Vou arranjá-los bem numa pequena caixa e observar todos os dias.

D.Benta entra na conversa e exclamou:

- Mas vai tempo D. Emília! Sabia que estes ovos ainda irão se transformar em larvas?

- Ah, que nojo! Mas, e as borboletas como ficam?

- Este é um longo processo de transformação, minha filha. Vejamos: as borboletas botam seus ovos nas folhas e logo nascem as lagartas.

- Mas Emília não poderá colocá-las na caixa, senão morrerão Sinhá! Observou Nastácia.

- Bem lembrado! As lagartas precisam ficar nos galhos dos arbustos para alimentar-se de suas folhas. Quando estiverem bem gordinhas e satisfeitas, começam a tecer um casulo. Os fios vão se enrolando ao seu redor por fora e a baba que lhes sai da boca.

- Ah! Então são aqueles canudinhos dependurados nas folhas que eu vi lá no jardim! - gritou a boneca. Olhem aqui.

Emília sai em desabalada correria seguida pelos outros. D. Benta e Nastácia os acompanham em passos largos, mas lentos.

- Vejam! - mostrou a boneca. Olhem quantos casulos temos aqui. E de vários tipos! - exclamou mostrando as folhagens.

- Muito interessante, vovó. Por que os casulos são diferentes? - perguntou Narizinho.

- Observe aqui, minha menina - disse Tio Barnabé. Está vendo nesta folha uma taturana? E ali, uma lagarta verde? Logo adiante estão outras de cores variadas.

- Cuidado que elas queimam! - preveniu Nastácia.

- Então - continua Tio Barnabé - são variados os tipos de borboletas e cada lagarta tem um modelo de casulo diferente por conta disso.

- Mas não é lindo? - disse Emília. Agora estou adorando. Mas, e quando chegará à borboleta?

- Logo que o casulo estiver amadurecido no tempo exato para a transformação. Quando chegar a hora, ele se abrirá e lindas asas sairão voando por aí. Isto se chama metamorfose. Poderemos acompanhar de hoje em diante o amadurecimento desde casulos - aconselhou D. Benta.

- Ótimo! Muito bom mesmo! - exclamaram as crianças.

- E se eu quiser amadurecer algum agora? - falou Emília.

- Boa pergunta! Com certeza a borboleta morrerá - explicou o menino.

- Por falar em morte, podemos comparar este processo da crisálida e sua transformação com a nossa passagem aqui na Terra - argumentou D. Benta.

- Como assim, vovó? - perguntou Pedrinho.

- Podemos comparar a fase dos ovos, ao estado de dormência e dependência em que o ser humano passa sua infância. Devagar, vai transformando-se e tornando-se independente na fase adulta de larva. Com o passar do tempo chega a velhice com suas limitações e vamos nos "encasulando" nas cadeiras de balanço, nos bons livros, pois somos obrigados a diminuir as atividades pelas limitações. Até que, então, é chegado o grande momento do despertar para a vida espiritual.

Neste momento, desprendemo-nos da carcaça do casulo que nada mais é que o nosso corpo material e voamos livres para o espaço como espíritos.

- Nossa Sinhá! Isto virou até poesia. Nunca ouvi alguém falar da morte, que é uma coisa tão ruim, de um jeito tão bonito. Chega até ser romântico! - exclamou Nastácia.

- Que bela lição, vovó! - falou Pedrinho.

- Bem, vamos agora então tratar de observar os espíritos coloridos "que sairão voando por aí". Adorei! - arrematou Emília.

## Capítulo 16 - O Renascer

Assim passaram o resto do dia em grandes observações científicas, auxiliados por Visconde que, com seu minúsculo caderninho, cadastrava as possíveis variedades ali encontradas.

A noite vem chegando e o pequeno grupo se recolhe para os banhos e jantar. Como de costume, nova roda se faz ao redor da velha sitiante contadora de histórias. Pedrinho logo interrompeu as leituras da avó com novas perguntas.

- Vovó, hoje falamos muito em natureza, metamorfose e morte. Agora, gostaria de saber como é que se programam os nascimentos no mundo espiritual.

- Bem, meu filho, iniciarei dizendo que cada processo reencarnatório é único, pois somos seres individuais, com diferentes necessidades. De um modo geral poderemos explicar alguns procedimentos.

- Como assim? - quis saber Narizinho. Os bebês não são gerados da mesma forma e não nascemos da mesma maneira?

- Aparentemente sim, pois a lei da Criação é a mesma para todos. Apenas as modificações vão acontecendo pela diversidade de provas pelas quais precisamos passar em nosso aprendizado. Já falamos que fomos criados todos iguais, simples e ignorantes, conforme nos informam os espíritos em resposta à questão formulada por Kardec em *O Livro dos Espíritos*. Deus, nosso Pai muito Amoroso e sábio, cria seus filhos e lhes dá o livre arbítrio, quer dizer, a liberdade para seguirem suas vidas à sua maneira, no seu ritmo. Assim, cada um segue no próprio passo errando ou acertando.

- Mas o que tem a ver isto com o nascimento dos bebês? - perguntou irrequieta a boneca.

- Calma, Emília, vovó está apenas começando a explicação - retrucou Narizinho. Continue vovó.

- Bem, a partir dos rumos que tomamos, dificultamos ou facilitamos nossas vidas e quando vamos voltar a renascer, o próximo programa de vida é minuciosamente estudado pelos Espíritos Protetores que conheciam nossa história de longa data.

- Puxa! Agora isto está ficando interessante - exclamou Emília.

D. Tonica que esteve ausente dos serões por uns dias em visita à cidade, agora retornava com sua participação.

- É assim mesmo. Há algumas etapas na preparação do renascimento. Por exemplo: observando-se as necessidades principais do espírito reencarnante, os Mentores vão questioná-lo sobre que tipo de vida pretenderá levar; qual será sua profissão, a que irá se dedicar de maneira mais intensa; os relacionamentos em família, quem serão seus pais e irmãos.

- Nossa, Sinhá, a coisa é assim tão séria? - inquiriu Nastácia.

- Nem me fale, minha negra. Ali são estudados o ambiente familiar, social, amigos e inimigos, sem falar no tipo de corpo em que o espírito renascerá.

- Quer dizer então que escolhi meus pais, meu corpo e tudo o mais?

- perguntou Pedrinho.
- Quando temos condições e clareza de raciocínio para isto, nós ajudamos a construir nosso Plano Reencarnatório.
- Quer dizer então que nem todos podem escolher, D. Benta? - replicou Visconde muito sério com o assunto.
- Sim, Visconde. Muitas vezes há espíritos em estados de perturbação muito grande, até inconscientes das suas necessidades. Nestes casos, alguém tem que pensar por eles. Muitas vezes, a reencarnação compulsória é o tratamento mais adequado a um espírito que esteja sofrendo muito, sendo perseguido por inimigos sem trégua. A reencarnação passa a ser um descanso.
- E o que é compulsória? - perguntou Emília.
- É uma reencarnação obrigatória, sem escolhas pelo espírito reencarnante, por achar-se sem condições de decidir sobre a própria vida. Bem, vamos voltar aos passos gerais para uma reencarnação - falou D. Tonica. Quando já se decide onde nascerá o espírito, começa-se a fazer os primeiros contatos com os pais.
- De que forma, Sinhá? - questionou Barnabé.
- Através de visitas durante o sono. E muitas coisas são acertadas.
- Mas, e se os pais não quiserem o bebê? - disse Pedrinho.
- Muitas vezes isto acontece, então são necessárias várias visitas de negociações para sensibilizar os pais, colocando-se a necessidade do nascimento e a responsabilidade que implica a sua participação.
- A coisa é assim complicada, Sinhá? - retrucou Nastácia.
- O trabalho é grande por parte do Plano Espiritual. Agora vamos falar diretamente sobre as condições do novo corpo. Antes mesmo de se falar em "genoma" aqui na Terra pelos cientistas, André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier nos conta sobre o "Mapa do Corpo Físico," elaborado no Departamento de Reencarnação na cidade espiritual "Nosso Lar".
- Este agora é o "boom"! - disse Pedrinho de olhos acesos. Quer dizer então que existe mesmo um mapa do nosso corpo antes mesmo de nascermos?
- Esta é a notícia que recebemos através de André Luiz. Ali neste mapa encontram-se os genes da hereditariedade. Por isso os pais são bem escolhidos e deles serão aproveitadas as sementes necessárias à formação do novo corpo.
- Vovó, e a questão do perispírito? - interrogou Narizinho.
- Muito bem lembrado - disse Visconde. Esta parte me interessa muito, pois como pesquisador das questões científicas, agora exploradas no plano espiritual, os esclarecimentos mostram a sua lógica.
- É assim mesmo - explicou D. Benta. O perispírito é também chamado de "modelo organizador biológico" pelos pesquisadores. Já perceberam que ele tem os mecanismos necessários para atrair os "genes" que estão na sintonia do espírito que vai renascer. Como um poderoso imã ele organiza, modela e elabora a formação do novo corpo.

- Por isso que temos o corpo que merecemos e precisamos para esta encarnação. Ele não deixa de ser uma criação nossa, do nosso próprio pensamento e sentimentos - complementou D. Tonica.

- E daí, D. Emília, que não adianta reclamar. Temos o que merecemos - galhofou Pedrinho.

- Vejam bem! Ele já está recomençando a guerra. Você já reparou em suas "belas pernas finas" e o cabelo sempre espetado com este redemoinho? Deve ser o redemoinho dos seus pensamentos! - resmungou Emília cruzando os braços e fazendo um olhar provocador.

- Vejo que entenderam a lição, mas não usem os novos conhecimentos para provocar a discórdia. Não é este o objetivo desta Doutrina maravilhosa dos Espíritos - recomendou D. Benta.

Nastácia parecia inquieta em seus pensamentos, mas não conseguia formular sua questão.

- Sinhá, eu não sei me expressar bem, mas será que é possível se saber em que momento a alminha da criança vem habitar o seu novo corpo? Será que é só quando ela põe a boca no mundo de tanto chorar ao nascer?

D. Benta sorri do jeito simplório da negra e responde.

- Está aí uma boa pergunta, Nastácia. Vou devolvê-la a todos. Vamos ver quem consegue se aproximar mais da verdade e então vamos pesquisar em O Livro dos Espíritos.

Por um momento houve um silêncio geral, mas, de repente, após tantas caretas acompanhando o fio dos pensamentos, uma tempestade de idéias explode na sala.

- Eu acho que deve ser quando a criança abre os olhos para o mundo - exclamou Emília.

- Ah! Acredito que seja quando ela começa a se mexer na barriga da mãe! - arriscou Narizinho.

- Bem, Sinhá, não será quando se completa os nove meses de gestação? - colocou Nastácia.

Barnabé pensa, repensa e escolhe não arriscar um palpite.

- Não será quando o feto começa a se formar? - inquireu Pedrinho.

Visconde coça a barba como a apertar e fazer explodir um raciocínio ponderado.

- Bem, D. Benta, depois de todo o preparo anterior, escolha dos pais, o mapa do corpo, o perispírito moldando o que será o corpo... só pode ser já no momento da concepção, isto é, quando se juntam as duas sementes geradoras masculina e feminina.

- Como assim? Explique isto direito! - reclamou Emília.

Visconde, tomando seus ares de sábio continua:

- Bem, o espermatozóide é a célula masculina e o óvulo a célula feminina.

- O destino de ambos é juntar-se no útero materno para formar o ovo que dará origem ao feto. Acredito que, estando este ovo bem formado, vai alojar-se

e criar suas raízes, firmando-se nas paredes do útero da mãe. Quando isto acontece sem percalços ou impedimentos, creio que já está na hora do espírito acoplar-se ao novo corpo.

Emília andava de lado a outro com as mãos cruzadas nas costas.

- Mas isto não deixa de ser bem interessante, Visconde. É assim mesmo que acontece, D. Benta?

- Lembrem-se do que falamos no princípio: cada espírito é um ser individual com necessidades diferenciadas, mas como o próprio Visconde colocou, se não houver percalços ou dificuldades de natureza física ou espiritual, as coisas poderão acontecer assim.

Pedrinho coçava a cabeça como a puxar melhor as idéias.

- Creio que esta observação do nosso amigo Visconde de Sabugosa tem sua lógica. Vejamos: quando se forma o ovo é o momento exato para o espírito assumir seu corpo, pois não é o perispírito quem vai moldá-lo? É bem neste momento que as células do ovo começam a se multiplicar ininterruptamente, numa progressão geométrica. Pelo menos, foi assim que aprendi na aula de ciências.

Narizinho também põe a cabecinha para funcionar e exclamou:

- Sim, Pedrinho! Só pode ser, pois senão o corpo começará a crescer sem o comando do perispírito para moldá-lo!

D. Benta sorri prazerosamente ao perceber o interesse e o raciocínio aguçado dos netos.

- Muito bem, crianças! Vejam que aqui quem dá as coordenadas são vocês.

Tio Barnabé e Tia Nastácia entreolham-se admirados com a sapiência dos pequeninos. Mas Emília ainda queria saber mais.

- Agora, eu quero saber que percalços podem acontecer na formação de um bebê!

- São muitos, querida boneca - suspirou D. Benta. Da parte fisiológica, por exemplo, a mãe poderá estar fraca, ser portadora de alguma doença, sofrer um acidente... E pelo lado espiritual, pode acontecer a rejeição por parte dela, do pai ou do próprio espírito reencarnante.

- Como assim, vovó? - perguntou Narizinho assustada.

- Minha filha, muitos são os motivos: às vezes insegurança por falta de condições econômicas, por achar que ainda não é a hora de terem um bebê, por imaturidade, ou apenas por sentirem que este espírito é alguém que lhes trará dissabores ou maiores compromissos.

- Nossa, Sinhá! A coisa é séria assim? - resmungou Nastácia.

- Nem me diga, minha negra! Um nascimento é a coisa mais abençoada neste mundo, mas muitas vezes os Protetores Espirituais precisam preparar muito bem a família para receber um bebê.

- Como eles conseguem preparar, Sinhá? - agora foi a vez de Barnabé.

- Envolvendo a todos, principalmente durante o sono, fazendo verdadeiras negociações, principalmente se forem espíritos inimigos do passado.

- Dentro da própria família? - perguntou Emília assustada.



Pedrinho não deixa de dar sua "mordida".

- E você, o que acha que é por aqui? Está sempre do contra com tudo!

Emília lança-lhe um furioso olhar e D. Benta a socorre.

- Deixe de brincadeiras de mau gosto, Pedrinho. Não vamos brincar com assunto tão sério. Mas o que acontece, Emília, é justamente assim. Deus nosso Pai, encontrou esta fórmula mágica para unir espíritos antagônicos. Através dos laços de sangue, de maneira quase que obrigatória, aprendemos a amar os desafetos.

- Por isso que muitas vezes temos amigos fora de casa que se dão melhor conosco do que a própria família!... concluiu Nastácia. Eu mesma vim parar aqui e esta se tornou minha verdadeira família!

- Sim, Nastácia, somos sua família do coração, assim como Barnabé também faz parte. Esta é a verdadeira família que os espíritos falam no Evangelho Segundo o Espiritismo. A família de laços espirituais e não apenas a família de laços corporais.

- Muito bem lembrado, Tonica. Com o tempo, as famílias consangüíneas irão se transformando em verdadeiras famílias espirituais, ligadas pelos laços do amor.

- Que lindo, D. Benta! - exclamou Emília. Ele vai é enganando os pais e os bebês para ficarem amigos!

- A palavra correta não é enganar, Emília, é acomodar a situação de forma a resolver-se satisfatoriamente.

- Mas que grande lição tivemos esta noite! - replicou Nastácia. O melhor é irmos dormir e deixar os pensamentos se assentarem. Boa noite!

## Capítulo 17 - O Desencarne

- Vocês nem imaginam o que acabo de ver - disse Pedrinho entrando correndo pela sala.

- E o que é? Desembucha logo, menino - gritou Nastácia aflita.

- É a vaca mocha. Ela está toda triste, pois seu bezerrinho acaba de morrer.

A notícia ribombou como trovão dentro da casa. Como faíscas de raios, saem todos em desabalada correria para o curral.

Lá chegando, vêem o bezerrinho estirado no chão. Foi aquela choradeira. D.Benta pede a Barnabé que providencie o enterro do bezerrinho. Emília e Narizinho rapidamente aparecem com belos buquês de flores e depositam sobre seu túmulo.

Aquele foi um dia sombrio e triste para todos, pois já haviam presenciado seu nascimento. Ninguém queria ou se atrevia a perguntar ou comentar o acontecido. A dor calou profundamente a voz em seus doridos corações. O almoço e o jantar foram silenciosos e os bolinhos do lanche da tarde ficaram a descansar na travessa sobre a mesa. D.Benta e D. Tonica chegaram a preocupar-se com tal situação. Emília e Narizinho chegam tristes e colocam-se ajoelhadas aos pés de D. Benta que iniciava sua leitura na cadeira de balanço.

- Vovó, eu e a Emília estamos pensando e conversando sobre a sorte dos bezerrinhos depois que morrem. O que acontece com eles? Não chegamos a nenhuma conclusão.

Esta pergunta tão providencial numa noite como aquela atraiu a todos, formando-se a celebre roda de serão. Olhavam para D. Benta com ansiedade aguardando a resposta.

- Boa pergunta, meninas! É bom refletirmos sobre o assunto, pois assim passará este mal estar que paira sobre nós. Conforme os ensinamentos dos espíritos, podemos concluir que este bezerrinho logo estará de volta ao nosso meio.

Um sorriso se estampa no rosto das crianças que voltam às interrogações.

- Quer dizer que os bezerros reencarnam também, vovó? - perguntou o menino.

- Sim, meu filho, não só os bezerros, como também todos os animais.

- Então, D. Benta, os animais possuem espíritos? - questionou Visconde de Sabugosa.

- Nesta fase de seres irracionais eles possuem o princípio inteligente que vai se aperfeiçoando, até chegarem à fase de humanidade. Lembra-se quando estudamos os três reinos da natureza? (\*serões de D. Benta à Luz do Espiritismo I)

- É mesmo, Emília! Como é que a gente foi se esquecer disto? Passamos pelo reino mineral, vegetal e depois animal - exclamou entusiasmada a menina do nariz arrebitado.

- E completando o raciocínio, chega o momento em que passamos de animais irracionais para animais racionais. Mas isto é mesmo a maravilha da Criação! - exclamou Visconde.

- Então minha gente, vamos enxugando as lágrimas que logo, logo o bezerrinho estará de volta entre nós - palpitou D. Tonica.

- Mas, como é que vamos saber qual é ele? Na pele de qual novo bezerro? - interrogou Emília.

- Aí está o grande mistério da Natureza, minha boneca. Se daqui para frente amarmos a todos os bezerrinhos como aquele, esperando a sua volta, por certo ele receberá nosso amor. Deus é sábio! - explicou D. Benta.

- Sinhá, aí está o verdadeiro amor. Aquele amor que ama indistintamente a todos, como se fossem o nosso preferido. É desta forma que o Pai nos ensina a amar e é muito benéfico a todos nós, sem distinção - filosofou Barnabé.

- Mas, eu queria mesmo é saber como o "espiritinho" dele é recebido do lado de lá, no mundo espiritual - disse Emília.

- Existem equipes de espíritos especializados em cuidar dos animais e levá-los o mais rápido possível à reencarnação, pois como ainda não têm a inteligência desenvolvida, não há motivo para ficarem por lá. O melhor é reencarnar logo para progredir mais rápido.

- Interessante...- resmungou Pedrinho. Agora eu gostaria de saber mesmo o que acontece com a gente!

- Com o ser humano a situação é diferente. Geralmente todos passam por um processo semelhante, mas cada caso de desencarnação é individual, devido à situação emocional e a compreensão que a pessoa tenha do que é a morte do corpo físico.

- Sinhá, mas como poderá ser diferente para cada um? Não existe uma lei igual para todos? - perguntou Nastácia.

- A lei divina é a mesma sempre. O que varia é o estado de evolução em que cada um se encontra.

- Vovó, eu ouvi dizer lá no Centro, que tem espíritos que não acreditam que já morreram. É verdade? Como pode ser isto?

- Realmente isto pode acontecer, pois a morte não é aquela coisa horrível que se pinta por aí. Muitas pessoas desencarnam e nem percebem. Às vezes estão doentes, ficam inconscientes, passam por períodos de sonolência e quando acordam não se dão conta do que aconteceu. Isto porque o seu corpo espiritual, ou perispírito é idêntico ao corpo, cuja densidade é semelhante à matéria do Mundo Espiritual.

- Quer dizer então que lá tem casa, hospital, cadeira, mesa, móveis, enfim, como aqui, Sinhá? - arregalou os olhos a negra Nastácia.

- Estas notícias quem nos deu pela primeira vez foi o Espírito de André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier. Seu primeiro livro foi Nosso Lar, onde ele descreve uma colônia, ou melhor, uma cidade espiritual.

- Que coisa linda e misteriosa! - exclamou a boneca. Bem, se estou lembrada, em sonho já viajamos por algumas, não se lembram? Viajamos com Argus.

- Então, quando viajamos em sonho, nosso corpo dorme. A sensação de liberdade do espírito assemelha-se a quando já não pertence ao mundo dos vivos, ou melhor, quando está desencarnado - explicou D. Benta.

- Credo em cruz, Sinhá! - assustou-se Nastácia. Já estou ficando preocupada com esta história...

- Não há por que se preocupar Nastácia. É a coisa mais natural que existe. A falta de conhecimento a respeito das coisas espirituais, passando-se pelas portas da morte é a verdadeira causa de todo e qualquer medo ou espanto.

- O que precisamos desconsiderar é a impressão negativa que acontece durante os enterros, aquela choradeira sem fim. Afinal, sabemos que o espírito é eterno e que o nosso ente querido apenas mudou de plano em termos de moradia. Agora sua moradia é no Plano Espiritual - complementou D. Tonica de forma muito positiva.

- Mas, como é que se vai conformar vendo a pessoa que desencarna ser colocada debaixo da Terra? - emocionou-se Narizinho.

- Ora, minha filha, isto eu já disse: é para aqueles que não tem o conhecimento da vida espiritual ou realmente não acreditam que ela exista. Além do mais, também já sabemos que apenas o corpo é enterrado. Seu espírito é recolhido por benfeitores espirituais e levado a locais condizentes com a sua situação espiritual.

- Como assim, vovó? - Interrogou Pedrinho.

- Bem, aí é que começam as diferenças em relação ao desencarne de cada um. Se o espírito ainda está adormecido, sentindo-se doente ou confuso, com certeza será levado a prontos socorros e hospitais. Mas, se a situação é mais suave, inclusive com a conformação na passagem de Plano, ficará aos cuidados de parentes e amigos até seu refazimento.

- Com certeza, para nosso Pai Celestial, todos são seus filhos. A diferença de situação é que muitos não aceitam a nova vida, blasfemam, revoltam-se e preferem tomar outros rumos, desprezando o auxílio dos benfeitores.

- E a isto se dá o nome de livre arbítrio. A vontade de cada um é sempre respeitada - explicou D. Tonica.

- Quanta novidade de uma só vez, Sinhá! - comentou Barnabé. Agora, criança, é melhor irmos todos pra cama e pensar muito a este respeito. Foi muita informação nova de uma só vez.

- Mas, e se eu quiser localizar agora nosso bezerrinho, eu não posso? - disse Emília fazendo beicinho de choro.

- Ora, façam uma bela oração e peçam a seus Anjos Guardiões. Quem sabe em sonho não farão esta bela viagem! - terminou D. Benta.

## Capítulo 18 - Ninguém virá ao reino dos céus se não nascer de novo

Barnabé amanheceu às voltas com a vaca mocha que andava inquieta e mugindo sem parar à procura de seu bezerro. Tentou de todas as maneiras tirar seu leite, pois durante a noite acumulou, deixando as tetas entumecidas.

Chegou para tomar café aborrecido e nem queria tocar no assunto para não desencadear nova cena de choradeira.

Nastácia percebe sua "gastura" e cochicha-lhe ao pé do ouvido:

- Problemas com a Mocha? Está na hora de dar aquelas ervas que ajudam secar o leite. Melhor assim, meu velho!

- Hoje mesmo vou atrás destas ervas e colocar no cocho com a ração. É uma pena! Que vaca boa de leite! Mas, Deus sabe o que faz! E o que nós poderemos fazer?

Emília, que passava pela cozinha veio bisbilhotar a conversa alheia como sempre.

- O que é que Deus sabe fazer, Tio Barnabé?

- Ora, boneca enxerida, pergunto-lhe eu agora. O que é que Deus não sabe fazer?

Emília aperta os olhos com raiva e desdém pela resposta. Sentia-se rejeitada nas conversas.

Chegam Narizinho, Pedrinho e Visconde. D. Benta aponta na sala e sorri para as crianças num feliz bom dia.

- A boneca já começou a questionar, Sinhá. Acho bom a Sinhá começar suas explicações que eu e Nastácia, já não temos tanta paciência assim.

- O que há, Emília? O que está querendo saber?

Sentindo-se observada e com chance de se colocar, Emília respondeu:

- Eu queria mesmo é saber o que estes dois rabugentos estavam cochichando.

- Que coisa feia, Emília. Em primeiro lugar, observe o desrespeito com Barnabé e Nastácia. Não é com estes modos que lhes ensinei a conversar com os mais velhos e também, se alguém conversa, não é obrigado a participar seus assuntos a todo mundo. Isto se chama respeito à privacidade alheia.

- Já vi que hoje não levantei com o pé direito - reclamou a boneca, saindo toda empertigada.

- Eu não sei onde estava com a cabeça quando fiz esta boneca, Sinhá. Não sabia que sairia uma coisa ruim assim.

- Deixe disso, Nastácia. Não dê ouvido a estas bobagens. Precisamos é ensinar-lhe os bons modos.

Narizinho andava por ali olhando pelas janelas, observando o gado já dispensado do curral, indo pastar. Solta um grande suspiro e uma lágrima chega a rolar.

D. Benta chega de mansinho e consola a menina, colocando-lhe as mãos em volta dos ombros.

- Quando será que ele vai voltar, vovó?  
- Breve, minha filha, mas só Deus sabe.  
- Vovó, como realmente ficamos sabendo sobre a reencarnação?  
- Já na Bíblia temos uma passagem de Jesus com Nicodemos. Jesus lhe disse: ... "Na verdade, na verdade te digo que não pode ver o Reino de Deus, senão aquele que renascer de novo. Nicodemus lhe disse: Como pode um homem nascer sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez? ... (João, III: 1-12). Kardec, indagando os espíritos recebe várias respostas a respeito do assunto. Em O Livro dos Espíritos, no Cap. IV "Da Pluralidade das Existências", inicia seu questionamento perguntando:

Pg.166 - Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

R - "Sofrendo a prova de uma nova existência".

Com o olhar distante e pensativo, Pedrinho insiste:

- Mas, qual é então o verdadeiro objetivo da reencarnação?  
- Pedrinho - ponderou Visconde - pela primeira resposta dos espíritos, pressupõe-se que é uma maneira dos espíritos evoluírem, pois numa só existência seria realmente impossível chegar-se à perfeição.

- Muito boa conclusão, meu sábio - respondeu D. Benta. O real objetivo é a evolução do espírito.

- É claro - disse Emília. Vocês já perceberam que tem muita gente velha nesta casa que precisa nascer de novo para aprender amar e tratar bem as bonecas?

Pedrinho, na defensiva, se colocou:

- Pois é, e muitas bonecas malcriadas vão renascer para aprender a respeitar os idosos.

- Já se instalou a guerra! Deixem disso e vamos refletir melhor sobre o assunto abordado. Kardec pondera os reais, os verdadeiros objetivos da reencarnação em O Livro dos Espíritos, no capítulo V - Considerações sobre a Pluralidade das Existências. Ali poderemos observar, acompanhando seu raciocínio, quanto às respostas dos espíritos, quando passam à questão da justiça divina. Vocês já repararam que fomos todos criados iguais, mas no momento somos diferentes? -perguntou D. Benta instigando a reflexão.

Passaram-se alguns minutos de silêncio e podia-se observar que intensa batalha de pensamentos cruzava o ar naquele momento. Pedrinho, como sempre, foi o primeiro a comunicar-se:

- Bem, nas próprias famílias há desigualdade de princípios, maneiras de pensar e até o gosto pelas coisas é diferente. Lá na escola, no grupo de amigos, temos algo em comum, mas cada um tem suas preferências particulares. Não deveríamos mesmo continuar iguais?

- Ora, Pedrinho, o mundo seria muito sem graça, não acha? Tem aquela velha frase:" - Ah! Se todos gostassem do amarelo, o que seria do verde? "- retrucou Emília.

- E não é que a boneca tem razão, Sinhá! - murmurou Nastácia.
- Ela está filosofando - disse Visconde. Creio que é por aí o raciocínio.

Narizinho continuava pensando de cenho cerrado e exclamou um tanto indignada:

- Sabe vovó, eu não me conformo é com as diferenças gritantes que vemos por aí. Por exemplo: a extrema pobreza ao lado de grande riqueza. Os pobres sempre sendo explorados pelos ricos e os ricos enriquecendo cada vez mais. Onde está a justiça divina?

- A menina pegou um alvo certo, Sinhá! Quero ver como a Sinhá se sairá desta - interrompeu Barnabé.

D. Benta calmamente sorri e responde:

- Estou gostando de ver e ouvir. Vamos lá. Quando fomos criados, todos recebemos o mesmo quinhão, as mesmas oportunidades. Cada um escolheu o caminho a percorrer e o seu próprio destino. A sociedade foi formando-se aos poucos e a história da humanidade nos conta o progresso do homem. O progresso material vai de vento em popa, mas o progresso moral e espiritual ainda deixa muito a desejar. A inteligência do homem nos fez chegar à Era da Informática, mas o sentimento não caminhou a seu lado.

- Mas, o que tem a ver inteligência e sentimento com as desigualdades sociais? - perguntou Pedrinho.

Desta vez é Visconde quem se apruma e observa:

- Ora, uma coisa leva à outra. Se o homem é inteligente e bom o bastante, ele fez suas invenções e criações de forma a beneficiar a todos e não só a visar seus lucros.

- Mas, e aqueles que se desenvolveram mais, não tem direito também a estar em melhores condições de vida? Eles não lutaram para progredir? - interrogou a menina do nariz arrebitado.

- Muito boa colocação, minha filha! A justiça divina caminha por aí. Cada um tem aquilo que merece, aquilo que conquista, embora isto não lhe dê o direito de humilhar ou menosprezar aqueles que não o alcançaram.

- Por isso, D. Benta, que existem as várias reencarnações para que o espírito se aprimore mais em cada uma delas? - refletiu Visconde. Creio que todos precisam passar por situações diferentes de riqueza e pobreza, poder e submissão. Saúde e doença, etc.

- Visconde foi muito feliz em sua conclusão. Está percebendo, Narizinho, como a justiça divina se manifesta? Aquele que hoje é rico e poderoso, amanhã poderá experimentar o reverso da medalha e assim vamos despertando dentro de nós habilidades cada vez maiores para lidar com situações diferentes.

- Mas, e a criança que já nasce doente e não tem nem a oportunidade de se desenvolver, com uma vida curta e morre? continuou Narizinho.

- Esta, com certeza, por algum motivo muito justo, precisou desta experiência para tratamento do seu espírito. Muitas vezes ela própria escolheu

nascer assim, ou espíritos amigos providenciaram este breve tratamento em seu socorro.

- Nossa Sinhá! A coisa é séria assim mesmo? Nunca tinha pensado nos porquês dos sofrimentos dos outros. Eu achava que quando a criança morria era por provação dos pais. Então estou errada?

- Cada caso é um caso, Nastácia. Muitas vezes um espírito já evoluído presta-se a este tipo de encarnação rápida para chamar a atenção dos progenitores à vida espiritual. Hoje este "pinga-fogo" está mesmo profundo. Tonica está me fazendo falta com seus apartes tão sensatos.

- Sim, vovó, mas ela precisou viajar para ajeitar as coisas lá em casa. Suas férias já terminaram e logo as minhas também chegarão ao fim - comentou Pedrinho já um tanto tristonho.

- Por isso mesmo, vamos aproveitá-las ao máximo, Pedrinho. Amanhã faremos novos passeios - emendou Narizinho.

- Já que é assim, o melhor é todo mundo se recolher e ir para a cama! Boa noite, minha gente! - despediu-se D. Benta.



## Capítulo 19 - Uma Agulha no Palheiro

Tio Barnabé estava às voltas com os balaios e cestos. Tecia sem parar trançando as palhas. Emília andava de lado a outro, como se procurasse algo muito importante.

- O que há, boneca? O que procura tão interessada?

- Nada não. Estou apenas observando este palheiro. Quem sabe encontro algo interessante para brincar e colecionar.

- Ah!... Bem, se gosta de coisas miúdas, por aí vai encontrar bastante. Quem procura acha!

Narizinho, Pedrinho e Visconde passavam entretidos na conversa pela estrada. A menina perguntou a Barnabé:

- Ei, tio Barnabé, viu a Emília por aí?

A boneca sorrateira esconde-se fazendo sinal para que não a revelasse ali por perto.

- Diabo! Por onde andaré esta boneca? Pelo jeito deve estar armando alguma - disse a menina. E continuam seu caminho.

Emília cisca por todo lado e vai colocando alguns pequenos objetos em sua caixinha. Dando-se por satisfeita, sai do paiol.

D. Benta e Nastácia a observam subindo o guarda-roupa para algo esconder.

- O que é Emília? O que faz sozinha por aqui? Não me venha com novidades - observou D. Benta.

- Quem viver, verá! - falou a boneca saindo toda lampeira.

Lá embaixo, no pé da estrada, tio Barnabé resolve juntar-se ao trio, levando varas de pescaria e samburá.

- Como é, crianças, vamos pescar?

- Ótima idéia tio Barnabé. Estávamos mesmo atrás de algo que fazer - respondeu Pedrinho.

Lá se vão pela tarde adentro. O riacho corria cantarolando como sempre. O mormaço quente sugeria tirar os calçados e mergulhar os pés na água fresca. Assim fizeram e se deliciaram à sombra das frondosas árvores. Sentados às pedras na beira do riacho, ouviram os mais variados cantos dos pássaros. Pedrinho sorria, fechava os olhos e sonhava... Que felicidade de gozar e usufruir desta natureza tão soberba, tão maravilhosa. Que bom termos um Pai tão amoroso que nos oferece tal moradia! Como Deus é Bom! A alegria das coisas simples da natureza.

Emília vai chegando devagar. Olha a todos, um a um e faz beicinho.

- Poxa! Ninguém se lembrou de me convidar para o passeio? Nem você, Narizinho?

- Ora, Emília, não se faça de sonsa - disse Barnabé - você bem que ouviu Narizinho perguntar por você e fez questão de esconder-se. Eu nada contei porque não gosto de me meter em coisas de crianças!

- E o que ela fazia no paiol, tio Barnabé? - perguntou Pedrinho.

- Ora, menino, pergunte a ela mesma.
- Não interessa a ninguém, ouviu? Estava lá e pronto.
- Aí tem coisa, Narizinho. É só esperar para ver.

Disfarçando o assunto, Emília perguntou:

- Quantos príncipes escamados já pescaram hoje?

- Nem me fale uma coisa dessas - disse Narizinho. Aqui só dá lambari, para Tia Nastácia fazer depois bem fritinho.

Tio Barnabé orienta a pescaria.

- Agora estamos em boa época para pescar. Quando é a desova, o rio se enche de pequenos filhotes e estes, se forem pegos, futuramente os peixes adultos se tornarão escassos. Aí, adeus pescaria.

Visconde mostra seus conhecimentos:

- O próximo pescador, compreendendo e respeitando as leis da natureza, poderá ter sempre um samburá cheio, ou se a ganância for grande, contribuirá para a extinção das espécies. Depende de nós a fartura ou a escassez.

- Muito bem, Sr. Visconde de Sabugosa. Suas conclusões são realmente sábias. Sábio assim aqui no sítio só um mesmo - comentou Barnabé dando gostosas gargalhadas.

- Não sei não - falou Emília. Seus dias de primeiro sábio estão contados.

- O que é isso agora, Emília? - perguntou Pedrinho aborrecido.

- Aguardem! Quem viver verá!

- Quanto mistério, Emília! - suspirou Narizinho.

A boneca, toda lampeira anda de lado a outro, fazendo olhares provocadores. Pedrinho faz um muxoxo chacoalhando os ombros.

- Deixemos a boneca pra lá. Ela e seus mistérios! Isto é pura provocação. Não vamos lhe dar confiança, que logo, logo ela desvendará o segredo.

Assim continuam a pescaria até quase anoitecer. Levam para casa o balaio repleto de lambaris. Ao adentrarem a varanda correm em gritaria.

- Veja vovó! Veja Tia Nastácia! Já trouxemos o jantar. É só preparar estes belos lambaris.

## Capítulo 20 - A Evolução

Logo após o jantar...

- Pirilampo, vaga-lume, que inseto interessante!... Pirilampo, vaga-lume que inseto interessante!... Assim cantarolava Emília saltitando de lado a outro, tentando agarrar o pequeno vaga-lume que voava por ali piscando, piscando. Lá ia a boneca feliz da vida, preparando sua famosa caixinha para guardá-lo.

A lua cheia brilhava naquele céu salpicado de estrelas. Uma brisa morna passava pela varanda convidando ao descanso na rede para apreciar aquela maravilha. O ar estava carregado de perfumes silvestres e das flores de laranjeira. Pedrinho sai à varanda e respira fundo.

- Meu Deus, como posso deixar tudo isto aqui para respirar a poluição da cidade grande? Aqui a gente sente a presença de Deus nos agasalhando e cobrindo com este manto estrelado. Que maravilha é o firmamento!

- Vovó, quantos mundos se escondem por trás do brilho das estrelas?

- Ah! Meu filho, só Deus sabe! O Universo é infinito e Deus não para de criar. Cada estrela, como o Sol, possui o seu próprio sistema, como o nosso sistema solar, com seus planetas girando ao redor.

Narizinho, sentada nos degraus da varanda junto a Visconde e tio Barnabé olhava para o infinito com olhos sonhadores. Nastácia terminava os afazeres do jantar e já se achegava também à varanda para o descanso da noite.

- D. Benta - comentou Visconde - esta questão do infinito é um tanto intrigante. Apesar dos compêndios de Astronomia e as descobertas incessantes a respeito do Universo, esta imensidão não deixa de ser assustadora. Não acham?

- Eu tenho medo é desta história de buracos negros engolidores - disse Narizinho.

- Deus sabe o que faz e porque faz, minha filha. Tudo tem uma razão de ser nobre e justa. Mais dia, menos dia, o homem vai descobrindo a razão da Natureza.

- Veja bem, Sinhá - apontou Nastácia - as grandes catástrofes da Natureza, será que estão previstas? Tem acontecido tanta coisa assustadora. Uma hora é seca demais e se perdem colheitas, criações de gado e animais diversos morrem de sede. Isto sem falar nos pobres coitados dos homens que ficam sem trabalho e sem ter o que dar de comer às famílias. Tem hora que é enchente para todo lado, gente morrendo afogada e destruição. Será que Deus está olhando isto tudo, mesmo? Eu chego a ter as minhas dúvidas.

- O que é isso, minha negra? Duvidando do amor e da justiça divina? A destruição da Natureza faz parte das transformações do globo terrestre para sua evolução. Assim como nós, os seres humanos, os mundos também evoluem. Para que isto aconteça muitas catástrofes podem ocorrer. Mas, a lei de Ação e Reação está sempre presente e as situações de miséria, penúria e sofrimento fazem parte do aprendizado e da evolução dos povos. O próprio homem desgasta a natureza, sendo o provocador de situações negativas muitas vezes. Já andamos

conversando sobre Ecologia e Eco-Sistema. A poluição do ar, das terras e das águas, por exemplo, é um problema gravíssimo causado pelo próprio homem, que já tem colhido os amargos frutos da sua irresponsabilidade.

- Sim, vovó. Lá na cidade as pessoas estão sempre doentes do aparelho respiratório. A água, mesmo tratada, tem um gosto ruim e muitas vezes é contaminada provocando doenças - completou Pedrinho.

- Está vendo, Nastácia? O menino tem razão. Até do nosso riozinho lá no fundo da horta precisamos cuidar para que os sítios vizinhos não poluam, senão, acabou-se pescaria! retrucou Barnabé!

- Ah! Sinhá! Mas eu falo é destas coisas grandes que acontecem sem o homem ter culpa. Por exemplo, um tremor de terra. Aquilo é um verdadeiro terror!

- E uma Tsunami então? disse Pedrinho.

- Bem, a Terra, de tempos em tempos passa mesmo por transformações e muitas vidas são ceifadas, mas o Plano Espiritual está sempre alerta e preparado nestas situações de desencarnes coletivos. Estes, com certeza, não acontecem por acaso. Grupos de pessoas, comunidades inteiras são preparadas para passarem por estas provações. Tanto assim, que há sempre os casos de pessoas que estiveram ali bem próximos à tragédia e escaparam ilesas. Aí se vê o que se costuma chamar de "mão do destino", que nada mais é do que o planejamento de auxílio do Plano Espiritual para salvar aqueles cujo momento do desencarne ainda não chegou.

D. Benta respira fundo e procura em seus arquivos mentais maiores informações.

- Vocês já ouviram falar em Adão e Eva, não? Está lá na Bíblia esta história.

- Acho isto uma grande asneira - retrucou Emília. Vocês vivem falando de mim que só digo asneiras, mas está aí! Até na Bíblia tiveram a coragem de escrever tal coisa.

Narizinho franze a testa como a puxar o fio do pensamento.

- Sim, vovó. Esta história não se dá bem com a história dos homens primitivos, ou homens mais parecidos aos macacos, não é?

Pedrinho, com ares de sabichão vai complementando:

- Pois é, as duas tem razão! Eu já aprendi na Escolinha de Evangelização que esta história bíblica é simbólica. Adão e Eva não são apenas um casal ou o primeiro casal a viver na Terra. Eles representam uma raça inteira, a chamada Raça Adâmica, que vamos encontrar notícias lá na Gênese de Allan Kardec.

- É mesmo, vovó? perguntou Narizinho.

- Sim, minha filha, a Raça Adâmica chegou à Terra quando os homens primitivos já existiam e necessitavam de evolução em sua raça.

- Mas de onde vieram, D. Benta? - inquiriu Visconde interessado.

- Vieram de Capela, um planeta do Sistema de Cocheiro. Este era um mundo em transição para mundo de Regeneração. A tecnologia e a inteligência estavam avançadas, mas as condições morais ainda deixando muito a desejar. Os espíritos

mais rebeldes foram atraídos para a Terra que ainda era um Mundo Primitivo, porque se identificavam com suas vibrações. O magnetismo terrestre os atraía, mas no Plano Espiritual, foram preparados por Jesus e seus Mensageiros, explicando-lhes as transformações pelas quais passariam. Eles estariam tratando espiritualmente a sua rebeldia e ao mesmo tempo contribuiriam com a evolução e o progresso da Terra.

- Ah! Então por isso que a história fala da briga de Caim com Abel, irmão matando irmão, do castigo e a expulsão do Paraíso!...

- Quer dizer que esta Raça Adâmica morava no Paraíso e veio para cá descobrir a roda novamente? Isto é que é um belo castigo! - contestou Emília.

- Mas, vovó, quer dizer que esta história poderá se repetir novamente não em Capela, mas aqui na Terra? - indagou Narizinho.

- Realmente, sua conclusão é correta. Já estamos passando por esta fase e lá na Bíblia também se fala sobre as grandes catástrofes, do "haverá choro e ranger de dentes..." mas, cabe a todos nós os cuidados com os nossos procedimentos, para não cairmos nesta "malha fina".

- Puxa, Sinhá! A coisa é séria por demais - exclamou Nastácia.

- É, minha negra ... às vezes até parece que o mundo anda de cabeça para baixo, mas muitos espíritos estão obtendo a chance de reencarnar-se para definir esta transição de Mundo de Provas e Expições para mundo de Regeneração.

- Por isso que a violência, a destruição das famílias, a grande corrupção nos órgãos governamentais anda à solta? -perguntou Visconde. Inclusive as drogas e o narcotráfico?

- Infelizmente sim. Às vezes temos a impressão que regredimos espiritualmente, mas é a reencarnação em massa destes espíritos infelizes como uma última chance sobre a Terra que provoca esta visão distorcida.

- Estou pasma! disse Nastácia. Bem, pra mim hoje já chega de tanta novidade. Boa noite para todos.

## Capítulo 21 - Ainda a Evolução

O dia amanhece morno no Sitio do Pica-pau Amarelo. Até a natureza parecia espreguiçar-se. Grossas nuvens ainda recobriam a nascente, como se o sol ainda se negasse a acordar.

Nastácia na cozinha fazia seu café, cujo aroma passeava pela casa e redondeza. Amanhecera pensativa. Aquela história de Raça Adâmica, como ela costumava dizer havia lhe dado um "nó nos miolos". Quanta novidade num serão apenas! Quanto mais pensava, parece que as idéias embaralhavam mais com as conclusões que tirava.

Pedrinho chega de mansinho e lhe dá um susto pelas costas.

- Que é isso, menino? Já fico logo assustada pensando neste Planeta que se aproxima da Terra para "chupar gente".

Pedrinho cai na risada.

- Não é assim tão dramático, Tia Nastácia. Não se preocupe que você não será "chupada".

- Como é que você tem tanta certeza assim, Pedrinho?

- É que para este Planeta Primitivo só serão atraídos espíritos com baixo teor vibratório, pessoas que conspiram a maldade, a vingança, a cobiça e o crime sem limites. Pelo que todos nós sabemos você só sabe "conspirar" bolinhos aqui na cozinha, não é? "Planetinha Chupão", portanto, nem caberá nele, certo?

- Ah! Então é assim? Mas que alívio! É uma coisa muito preocupante.

D.Benta que chegava sentindo o aroma delicioso do café a conforta.

- Nem tanto assim, Nastácia. Deus, antes de mais nada é um Pai extremamente amoroso, sábio, justo e bom. Esta passagem se dará aos poucos, conforme forem desencarnando estes espíritos mais compromissados. Está certo que hoje já notamos estranhos fenômenos na natureza que, com certeza, estão contribuindo para sua transformação. Pelas profecias e as revelações espirituais mais recentes, esta mudança está prevista para o Terceiro Milênio, no qual já entramos, mas quantos anos tem um milênio? As transformações são gradativas, assim como os cientistas pesquisaram e descobriram as diversas fases pelas quais a Terra já passou: A Era Glacial, ou Era do Gelo, época anterior e posterior ao grande Dilúvio que encobriu a Terra, e assim por diante.

- Esperem aí! O serão mudou de horário agora? - perguntou Emília com as mãos na cintura. Assim não vale. Podem repetir tudo isso de novo?

- Calma, Emília. É apenas um pequeno bate-papo com Tia Nastácia que anda tremendo de medo de ser "chupada" pelo Planeta Primitivo que se aproxima da Terra.

- Veja lá como fala, Pedrinho! - retrucou a negra.

- Não se "avexe", Tia Nastácia - emendou Visconde. Aqui não precisamos esconder o que sentimos. Eu, de minha parte, estou muito aborrecido. Com estas modernidades. Não sei quem foi capaz, mas estão tentando me "clonar".

- Ora vejam! -exclamou D. Benta admirada. Como assim, meu pequeno sábio?

- É só darem uma passadinha lá na despensa e procurarem dentro do armário. Lá está uma réplica do Visconde de Sabugosa perfeita! Não sei o que estão pretendendo. Levei um tamanho susto que cheguei a ficar desconcertado.

Todos se entreolham procurando o autor da façanha. Mas, como sempre, os olhares terminam sobre Emília que se sente acuada. Fazendo beicinho, quase começa a chorar.

- Só podia ser! - falou Pedrinho. Como sempre é arte da D. Emília. Mas, por quê? Podemos saber? Virou cientista de clonagem agora?

- Seu bobo! Acabou-se a minha surpresa! Você é um grande xereta, viu seu Visconde de Sabugosa! Tinha que estragar tudo!

- Vamos, Emília, diga logo porque fez isto! - reclamou Narizinho.

- Eu apenas queria fazer um presente ao Pedrinho que está de partida para a cidade. Afinal, achei que ficaria feliz levando o clone do seu boneco preferido, não se sentiria tão sozinho sem a gente lá na cidade. Até porque, se o Visconde de verdade for até lá, não será bem compreendido pelas pessoas, assim como eu.

- Chega, chega! - disse D. Benta. Agora cheguei a ficar emocionada! Quer dizer que toda a sua zanga com Pedrinho, competindo com ele o tempo todo é amor? Que lindo! Parabéns, Emília. Vá lá buscar este "clone" que estamos todos curiosos.

Tio Barnabé, ao vê-la entrar com o boneco exclamou:

- É por isso que aquela tarde você estava tão misteriosa lá no paiol? Valeu a pena!

Pedrinho segura o "clone" de Visconde emocionado. Abraça-o junto à Emília bem de encontro ao peito.

-Minha boneca maluquinha! Vejam só que lindeza! É de fazer concorrência, hein, Tia Nastácia?

A negra ri gostosamente, balançando a cabeça.

- Realmente, não entendo de crianças mesmo! Nunca pensei que esta bonequinha de macela tivesse coração, minha gente! Isto é de arrepiar.

Visconde rodeia, rodeia, olhando o boneco sem parar, examinando cada detalhe.

- Não se preocupe Visconde - falou Pedrinho dando-lhe leve toque nos ombros - este é apenas o seu retrato. Não tem sabedoria. Mas, você continua o primeiro em meu coração! Obrigada a todos. Chego a concordar com vovó: os serões valeram à pena! Para dobrar a cabecinha e o coração da Emília, só mesmo com Jesus, Kardec e D. Benta Encerrabodes de Oliveira! Desta vez vou embora tranqüilo e satisfeito. Meu coração está abastecido de muito amor e sabedoria para enfrentar a cidade grande.

As despedidas foram alegres, pois todos sabiam que outras férias viriam.

No último aceno de adeus, Emília gritou:

- Aguarde que iremos buscá-lo pelas madrugadas para passearmos com Argus, Pedrinho.

- Adeus!

FIM